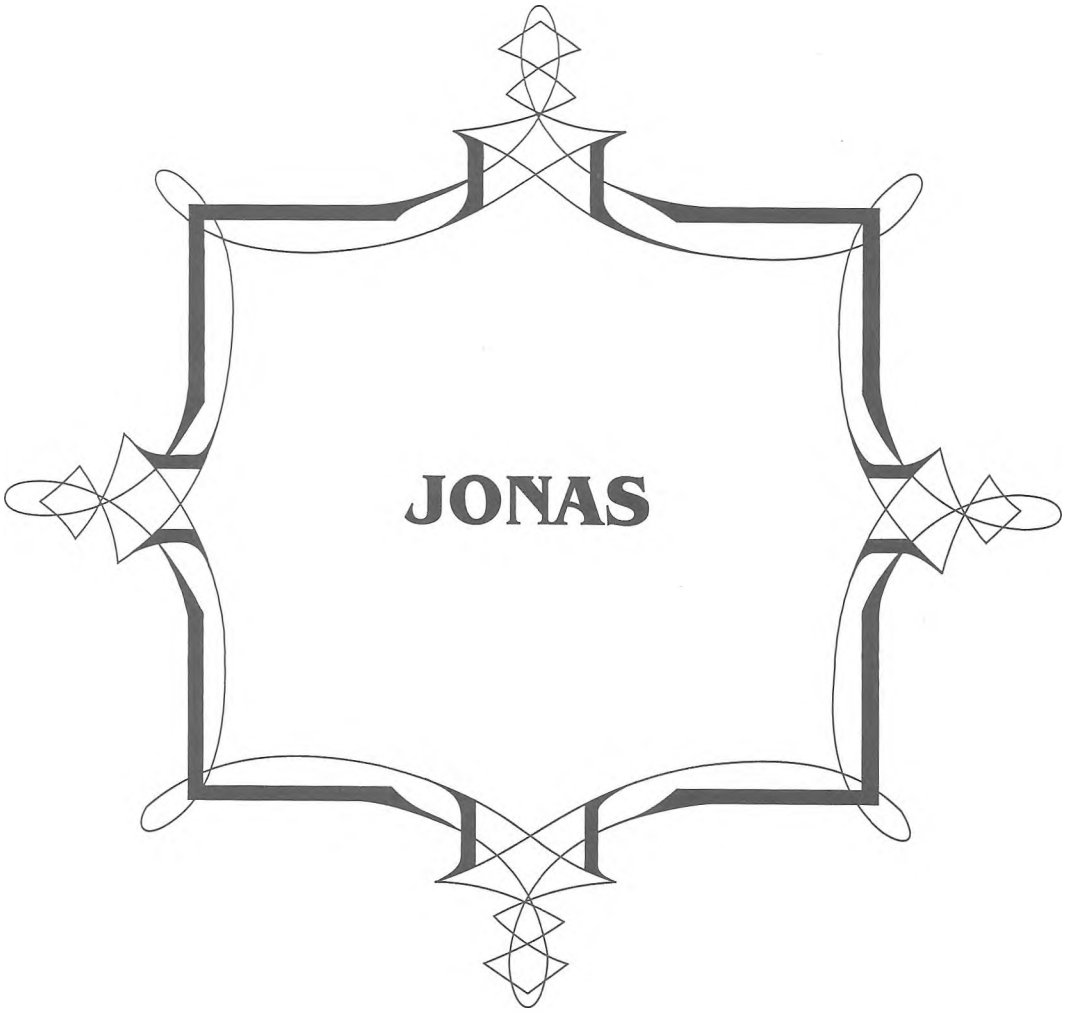
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

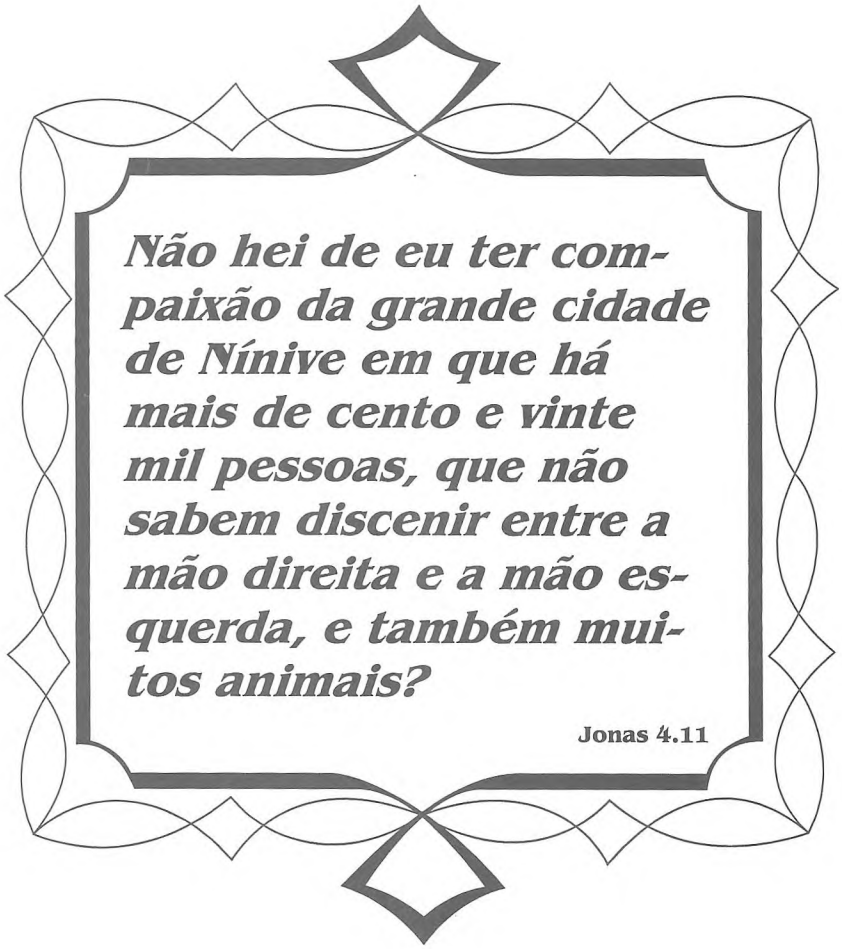
JONAS

HAGNOS



JONAS

O Livro de Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento


Não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discenir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?
Jonas 4.11

Jonas

4 Capítulos
48 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. O Nome
III. O Profeta Jonas e a Autoria do Livro
IV. Historicidade
V. Data
VI. História do Grande Peixe: Sua Historicidade e Tipologia
VII. Ocasião e Propósitos do Livro
VIII. Pontos de Vista Teológicos
IX. Esboço do Conteúdo
X. Bibliografia

I. Caracterização Geral

a. *Idéias dos Intérpretes Liberais.* Os intérpretes liberais supõem que Jonas seja o último dos livros proféticos do Antigo Testamento, escrito no século III A.C., por algum autor anônimo. Se isso é verdade, então ele escolheu um meio ambiente de cerca de quinhentos anos antes, para dar colorido de antigüidade ao seu livro. Outrossim, isso significaria que *Jonas* é uma novela religiosa com o propósito de ensinar lições morais e espirituais, mas sem nenhum traço de historicidade. Ver a quarta seção, *Historicidade,* quanto a esses problemas.

b. *Interpretação Alegórica.* De acordo com essa interpretação, em contraste com os sentimentos antiestrangeiros de Jonas, os pagãos são ali apresentados como pessoas ansiosas por arrepender-se de seus pecados e por abraçar novos conceitos religiosos, a fim de evitarem as horrendas predições de condenação feitas por Jonas.

Na verdade, o livro mostra a universalidade da autoridade do Deus do povo de Israel. Jonas não foi capaz de escapar dEle meramente fugindo da Palestina. E, de acordo com a interpretação alegórica, o conceito de um Deus nacional e vingativo, que Jonas teria, é substituído no livro pela noção de um Deus gracioso, tardio em irar-se e cheio de misericórdia. Destarte, o livro serviria como uma espécie de alegoria que ensina que o povo de Israel precisava ser menos beligerante, mais tolerante e mais ansioso por propagar suas vantagens religiosas, para benefício das nações pagãs. Além disso, o Deus concebido por Jonas também seria pequeno demais, pois o conceito que o profeta fazia de Deus não lhe faria justiça, fechando-o em uma prisão de orgulho e exclusivismo nacionais.

Alguns estudiosos vêem em tudo isso uma figura das nações de Israel e de Judá, que tiveram de ir para o cativeiro (assírio e babilônico, respectivamente). Antes desses exílios literais, as duas nações escolhidas já se tinham condenado ao cativeiro, devido à sua apostasia. Esses exílios talvez sejam simbolizados pelos três dias em que Jonas passou no ventre do grande peixe. Pelo menos, alguns estudiosos pensam ser isso o que o livro realmente está ensinando. A interpretação alegórica naturalmente ignora o contexto histórico em que o autor do livro põe a personagem principal, Jonas. Se a teoria sobre o exílio está com a razão, então o livro seria apenas uma espécie de sátira acerca das atitudes bitoladas e atrasadas de Israel, ao mesmo tempo que o profeta Jonas apareceria apenas como uma figura romântica, mas não histórica. Por outro lado, se Jonas foi um profeta autêntico e histórico, essas mesmas lições transparecem claramente no relato, sem prejuízo algum. É claro que essas lições se aplicam igualmente bem a todos os grupos religiosos ou indivíduos que são prisioneiros de seus próprios preconceitos, que, por assim dizer, impõem sobre si mesmos uma forma de exílio, em relação ao resto da humanidade, merecendo tanta compaixão como quaisquer outros prisioneiros.

c. *Pano de Fundo Histórico.* Essa é a posição que os eruditos conservadores assumem com seriedade, mas que os liberais pensam ser apenas um artifício literário artificial. Dizemos mais a esse respeito na seção IV, *Historicidade.*

Nenhum período histórico é indicado no próprio livro de Jonas, mas, como é evidente, o tempo tencionado é durante ou pouco antes do reinado de Jeroboão II, em que as bem-sucedidas conquistas militares de Israel ampliaram os seus territórios, e houve grande prosperidade material daquele reino, durante o reinado daquele monarca. Nesse caso, o livro data de cerca de 850 A.C.

Alguns estudiosos supõem que o arrependimento em massa dos habitantes de Nínive poderia ter sido facilitado por sua tendência pelo monoteísmo (com uma espiritualidade que se aprimorou naquela geração), o que ocorreu durante o reinado de Adade-Nirari III, cujas datas foram cerca de 810—783 A.C. Outrossim, houve grande praga durante o reinado de Assurdã III (cerca de 771—754 A.C.), o que poderia ter impelido os ninivitas a mostrar-se receptivos a uma mensagem de condenação, como a que houve, por meio de Jonas, com o subseqüente arrependimento em massa daquela gente. Apesar de tudo, alguns eruditos argumentam em favor de uma data posterior para o livro de Jonas. Examinamos a questão na quinta seção, *Data.*

d. *Caráter Ímpar do Estilo e da Mensagem de Jonas.* O livro de Jonas não consiste em uma coletânea de *oráculos,* conforme usualmente se vê nos livros proféticos do Antigo Testamento. Antes, é uma espécie de esboço biográfico sobre um importante incidente na vida do profeta Jonas. Outrossim, ele não estava ministrando em favor do povo de Israel, e, sim, em favor de um povo estrangeiro, em contraste com todos os demais escritores proféticos do Antigo Testamento. Em seu simbolismo, o livro repreende os preconceitos do povo de Israel, mas também prevê a experiência crucial de morte e ressurreição de Jesus, o Messias prometido, pois foi com esse sentido que o próprio Senhor Jesus interpretou a experiência de Jonas com o grande peixe, em Mat. 12.39-41.

II. O Nome

Podemos comparar o nome de Jonas com o trecho de Sal. 74.19, onde a nação de Israel é chamada de "rola", sendo que o termo hebraico *Jonas* significa "pomba". Esse era um nome próprio pessoal muito comum em Israel. O pai de Simão Pedro tinha esse nome (ver Mat. 16.17 e, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Barjonas).* Nesse artigo, aprendemos que os tradutores confundem, no Novo Testamento, no tocante ao pai de Simão Pedro, os nomes *Jonas* e *João.* O nome Jonas, *pomba,* era, ao que parece, dado pelas mães a seus filhos como um título afetuoso, pois a pomba é uma ave que demonstra muito carinho com outros membros de sua espécie, sobretudo no ato de cruzamento. Modernamente, tornou-se um símbolo bem conhecido da "paz". Nas Escrituras vemos que vários nomes de animais eram dados a pessoas, como são os casos de *Dorcas,* que no grego significa "gazela", ou de *Raquel,* que no hebraico significa "ovelha". Nomes de flores também eram empregados da mesma maneira.

III. O Profeta Jonas e a Autoria do Livro

Muitos eruditos liberais acreditam que nunca existiu um profeta com o nome de Jonas, porquanto o livro que traz esse nome seria, na opinião deles, apenas uma *novela* religiosa. Embora Jesus o tivesse mencionado por nome (ver Mat. 12.39-41), eles supõem que nem por isso o Mestre tenha afirmado a *existência histórica* de Jonas, mas apenas citado um apropriada passagem do livro de Jonas, a fim de ilustrar a Sua própria experiência de morte e ressurreição. Outros estudiosos, contudo, insistem que a referência de Jesus a Jonas confirma a sua historicidade. O trecho de II Reis 14.25 registra o cumprimento da profecia de Jonas, chamando-o de *filho de Amitai,* além de identificar a sua cidade natal como Gate-Hefer (mencionada em Jos. 19.13). Ficava no território de Zebulom, cerca de oito quilômetros ao norte de Nazaré. Há uma lenda que faz de Jonas o filho da viúva de Sarepta, o jovem a quem Eliseu enviou para ungir Jeú, a fim de que se tornasse o próximo rei de Israel. Mas os eruditos não levam essa lenda a sério. Outros estudiosos salientam que, embora tenha havido um Jonas histórico, isso não significa que ele escreveu o livro, apesar do fato inegável de que o livro relata um incidente muito importante de sua vida.

Argumentos contra Jonas como Autor do Livro:

1. O livro fala sobre um profeta Jonas, mas não afirma que foi ele quem escreveu o texto. O livro seria uma biografia, mas não uma autobiografia.
2. A ligação do livro com um Jonas histórico, que era um profeta conhecido, seria apenas um artifício literário, e não uma séria afirmação histórica. Isso era um expediente extremamente comum na antigüidade. Os livros pseudepígrafos são a melhor demonstração desse fato.
3. As referências a Jonas, no livro, estão na terceira pessoa do singular. Embora alguns autores se refiram a si mesmos na terceira pessoa, isso favorece mais a idéia de uma biografia (verdadeira ou romântica), e não a idéia de uma autobiografia.
4. Há fortes argumentos em prol de uma *data posterior* (ver a quinta seção, a seguir) para o livro de Jonas. Nesse caso, é impossível que Jonas, filho de Amitai, tivesse sido o autor do livro. Seu nome pode ter sido arbitrariamente escolhido como aquele que experimentou o que o livro descreve; ou então ele não estava em vista, desde o começo da narrativa. Nesse caso, para essa *novela,* o nome de Jonas foi arbitrariamente selecionado, sem que houvesse tentativa alguma de identificá-lo como uma personagem histórica.
5. Vários argumentos são contrários à historicidade do livro; e essa argumentação também tem sido empregada pelos críticos contra a historicidade da personagem central, Jonas. Ver sob a quarta seção, a seguir, quanto a pormenores sobre esse item, onde são expostos os contra-argumentos a essas críticas.

Respondendo a essas objeções, observamos o seguinte:

1. Visto que o próprio livro de Jonas em parte alguma diz quem foi o seu autor, o assunto perde a importância, exceto como uma curiosidade para algumas pessoas. Dificilmente podemos testar a ortodoxia ou a espiritualidade de alguém, defendendo ou atacando Jonas como o autor do livro. Aquilo que cremos sobre esse ponto demonstra somente o quanto confiamos ou não nas tradições que têm aparecido, através dos séculos, sobre o livro de Jonas.
2. Sem importar se o uso do nome de Jonas (tendo em mente uma personagem histórica) é um artifício literário ou não, isso jamais poderá ser determinado com segurança. A alusão do Senhor Jesus a Jonas parece afirmar a sua historicidade. Mas dificilmente alguém poderia argumentar sobre a historicidade da personagem Jonas meramente com a ajuda de uma citação, pois é impossível determinar o intuito do Senhor Jesus ao fazer essa citação. Os liberais supõem que o próprio Jesus poderia ter-se equivocado quanto à questão em foco, se é que Ele pensava em Jonas como uma figura histórica. Naturalmente, Jesus teria confiado nas tradições judaicas, ou teria pensado que a questão não era importante e nem merecesse ser discutida.
3. A referência que o autor faz a si mesmo, na terceira pessoa do singular, é uma prática literária comum, e nada pode ser dito a favor ou contra a autoria de Jonas, tomando-se por base referências indiretas a ele. Esse ponto, pois, deve ser considerado neutro.
4. Os argumentos que dizem respeito à data do livro aparecem na quarta seção, chamada *Historicidade.*

IV. Historicidade

Na primeira seção, *Caracterização Geral,* chamamos a atenção para os problemas envolvidos na historicidade do livro de Jonas. Listamos a seguir os argumentos específicos sobre essa historicidade:

1. Os aramaísmos do livro apontam para uma data posterior, distanciando-o dos dias de Jonas, filho de Amitai. Porém, essa objeção é muito enfraquecida pelo fato de que os aramaísmos também ocorrem em livros antigos do Antigo Testamento, sendo encontrados até mesmo nos épicos de Ras Shamra, encontrados em Ugarite, que datam de cerca de 1400 A.C.
2. *Tropeços Históricos.* Um erudito tão respeitável quanto Robert Pfeiffer supõe que a designação do imperador da Assíria como "rei de Nínive" (Jon. 3.6), e que a descrição de Nínive como "cidade muito importante" (Jon. 3.3), sejam asserções historicamente infundadas. Um autor que pertencesse à época sobre a qual escrevia sem dúvida saberia melhor que isso, diz ele. Nínive foi local de palácios reais assírios desde remota antigüidade, mas não foi elevada à posição de capital do reino assírio, senão já nos dias de Sargão II (722—702 A.C.). Apesar de a capital desse império não ser Nínive, na época de Jonas, o que poderia impedir o imperador assírio de ser chamado de seu "rei"? Apesar de a designação comum, no Antigo Testamento, ser "rei da Assíria", não há nada de estranho quanto à pequena variante, "rei de Nínive". No tocante às dimensões da cidade, como é óbvio, nos dias de Jonas, Nínive não era tão grande assim. Isso posto, as interpretações supõem que os "três dias" mencionados no livro de Jonas falam sobre o tempo que Jonas precisou para pregar nas praças da cidade, e não sobre o tempo que ele gastou para atravessar a cidade a pé, como se estivesse a medi-la em sua extensão. Na época, Nínive tinha cerca de seiscentos mil habitantes. E, embora isso não pareça muito grande, de acordo com os padrões modernos, significa uma gigantesca cidade para os padrões antigos. Quando muito, o autor sagrado "exagerou" sobre o tamanho da cidade. Os pregadores sempre calculam as dimensões de suas audiências mais do que elas realmente são! Devemos admitir, porém, que o trecho de Jonas 3.3 parece afirmar claramente que seriam necessários três dias de caminhada para que um homem atravessasse a cidade, apesar dos esforços de alguns eruditos para verem a questão sob outro prisma. Quanto a mim, não me preocupo com o tamanho de Nínive, e nem se o autor exagerou um pouco ou não. Mesmo que ele tivesse exagerado as dimensões da cidade, isso não provaria nada contra a historicidade do relato bíblico. Apenas mostraria que o autor caiu em algumas inverdades, muito próprias da exagerada linguagem oriental.

Há duas estranhas atividades que surgem em discussões dessa natureza. A primeira delas é que os estudiosos liberais, em sua ansiedade por descobrir problemas na Bíblia, dão imensa importância a pequenos detalhes, a fim de tentarem consubstanciar sua posição. E a segunda é que os eruditos conservadores não hesitam em distorcer os textos sagrados, a fim de que digam coisas que, na verdade, não dizem, porquanto eles são incapazes de tolerar (psicologicamente) a idéia de que, nas Santas Escrituras, podem ser encontrados quaisquer equívocos, de qualquer natureza. Ambas essas atividades são bastante infantis, e nada têm que ver com a fé e a espiritualidade.

3. O *Relato sobre o Grande Peixe.* Os estudiosos liberais simplesmente não vêem como um homem poderia sobreviver por três dias no ventre de uma baleia, ou de nenhuma peixe. Não crêem que qualquer espécie de peixe seja capaz de engolir um homem vivo. Daí, pensam que essa porção do relato sobre Jonas deve ser apenas uma ficção *divertida,* e que, por causa disso, devemos pôr em dúvida a história inteira, como uma produção literária destituída de seriedade. Histórias sobre peixes, dizem eles, fazem parte das lendas e do folclore. E os eruditos conservadores, pensando que os liberais conseguiram marcar um tento, chegam ao extremo de dizer que Deus criou um *peixe especial* para engolir Jonas. Para exemplificar isso, vemos que até a prestigiosa enciclopédia *Zondervan* precisou apelar para o sobrenatural, a fim de dar foros de autenticidade ao relato sobre o grande peixe de Jonas. Lemos ali: "Aceitando o sobrenatural—preparou o Senhor um grande peixe (1.17)—teremos removido toda a dificuldade". Outros estudiosos conservadores apelam para o dogma. Assim, Jesus falou sobre o peixe. Logo, teria de ser um peixe real, e não mera lenda. No entanto, ambas as abordagens são desnecessárias. Incidentes fartamente documentados mostram que algumas espécies de baleias são capazes de engolir um homem; e também que alguns homens realmente sobreviveram a tão bizar-

ra experiência. Ver a sexta seção, *História do Grande Peixe*, onde há uma demonstração desse fato.

4. *Poder Demasiado na Pregação de Jonas.* Alguns eruditos não conseguem crer que um judeu cheio de preconceitos, ao pregar sua mensagem de condenação, fosse capaz de fazer vergar os orgulhosos ninivitas. Uma canção popular americana exalta a cidade de Chicago. Uma das coisas que se diz nessa canção é que Chicago é cidade tão incomum que nem Billy Sunday foi capaz de fechá-la. Billy Sunday foi um pregador de tal modo poderoso que, em certas cidades onde ele pregava, havia mudanças tão radicais na conduta do povo que as forças policiais puderam ter o seu número reduzido. Não obstante, ele não teria conseguido vergar Chicago! E assim também, os liberais não vêem como Jonas teria podido submeter os ninivitas! Os conservadores, por sua parte, apelam para o poder de Deus. É possível que Nínive tenha passado por uma melhoria espiritual, tendo abraçado o monoteísmo, depois que seus habitantes sofreram uma praga devastadora. Essa praga poderia ter abrandado o fanatismo pagão dos ninivitas, preparando a cidade para a pregação de Jonas. Já comentamos sobre isso em I.c., *Pano de Fundo Histórico.* Devemos observar, porém, que toda essa discussão é fútil e supérflua. Nossa crença sobre o que Jonas poderia ter feito depende apenas de nossos sentimentos subjetivos sobre o poder de sua prédica. Nada há de estranho, porém, quanto a conversões em massa, ou quanto a multidões se deixarem influenciar por uma retórica inflamada. Consideremos como Hitler conseguia arrebatar multidões de seus ouvintes alemães, com alguns discursos.
5. *O Livro de Jonas tem Escopo Universal.* A leitura do Antigo Testamento dá-nos a impressão de que o povo de Israel era exclusivista. O livro de Jonas, todavia, reflete uma atitude universalista, que caracteriza os tempos posteriores daquela nação. Assim, na opinião de alguns, não passa de um *anacronismo* o interesse de Deus pelos ninivitas. Isso no caso de insistirmos sobre uma data mais antiga para o livro. Mas, contra isso, frisa-se o fato de que o pacto estabelecido com Noé (Gên. 9.9) tinha em mira todos os povos; e também que o pacto abraâmico (Gên. 12.1 ss.) apresenta-o claramente como pai espiritual de muitas nações; ou, pelo menos, em Abraão todas as famílias da terra seriam abençoadas. Isso pode ser confrontado com Isa. 42.6,7 e 49.6. Talvez houvesse muitos judeus exclusivistas, mas a própria Bíblia não assume tal posição!

Seja como for, os judeus, desde os tempos mais remotos, consideram o livro de Jonas uma obra histórica. Ver alusões a isso em III Macabeus 6.8; Tobias 14.4,8 e Josefo *(Anti.* 9.10,2). Jesus também considerou Jonas uma personagem histórica (Mat. 12.9 ss.; 16.4 ss.; Luc. 11.29). É verdade que alguns eruditos modernos pensam que a passagem de Mat. 12.9 é uma interpolação posterior. Porém, não há evidência disso nos manuscritos.

V. Data

Se partirmos do pressuposto de que foi Jonas, filho de Amitai, quem escreveu o livro que leva seu nome, então essa obra foi produzida em cerca de 750 A.C. Tudo depende, porém, da historicidade do livro (o que é ventilado na quarta seção, *Historicidade*) e na suposição de que o autor foi o Jonas que é a figura central do livro. Uma data tão recente quanto 200 A.C. poderia ser aceita, se o livro não passasse de uma novela religiosa, segundo alguns têm dito. Pelo menos sabe-se que o livro deve ter sido escrito antes do livro apócrifo de Eclesiástico (49.10), que alude à existência dos livros dos doze profetas menores. O trecho de Tobias 14.4,8 tece referências ao livro de Jonas, e a maioria dos estudiosos pensa que o livro de Tobias foi escrito antes do ano 200 A.C.

Argumentos em Favor de uma Data Mais Recente. Vários dos pontos expostos na quarta seção, Historicidade, os quais afirmam que o livro não está ligado ao período histórico aceito pela tradição, também se aplicam à questão de uma data mais recente do livro. A isso, adicionamos:

1. O trecho de Jonas 3.3 parece falar sobre Nínive como cidade que não mais existia quando o autor sagrado escreveu o livro. O texto diz ali: "... Nínive era...". Porém, contra esse argumento tem sido salientado que há uma construção gramatical similar, no caso de Emaús, quando a cidade continuava existindo (ver Luc. 24.13). Admite-se, todavia, que é estranho dizer-se que Nínive "era", se ela continuava existindo quando o autor sagrado escreveu.
2. O autor do livro de Jonas parece ter tido conhecimento de profetas posteriores, e ele chega a aludir aos escritos deles. Assim, conforme alguns estudiosos pensam, o trecho de Jon. 3.10 reflete Jer.18.1 ss.; o de Jon. 3.5 reflete Joel 1.13 ss.; o de Jon. 3.9 reflete Joel 2.14, e o de Jon. 4.2 reflete Joel 2.13. Todavia, o que sentimos sobre essa questão depende, em muito, daquilo que quisermos ler nas entrelinhas do texto sagrado ou deixar de fora das passagens envolvidas.
3. O salmo de ação de graças (Jon. 2.1-9) reflete os salmos canônicos, alguns dos quais, segundo se supõe, foram compostos posteriormente, não tendo sido da autoria de Davi. Mas os estudos mostram que os salmos, grosso modo, refletem a antiga literatura cananéia, devendo ser reputados como antiquíssimos.

A atribuição do livro de Jonas a uma data mais recente repousa sobre o tipo de mensagem que o leitor percebe no livro. Se a obra é alegórica e reflete um período no qual o judaísmo se universalizava, então a data posterior faz sentido. Mas se o livro é de natureza histórica, então precisamos afirmar que houve alguma universalização nos sentimentos de Israel, desde bem antes do *período helenista* (ver a respeito no *Dicionário*). Os argumentos em favor e contra uma data mais recente, como se vê, não são conclusivos.

VI. História do Grande Peixe: Sua Historicidade e Tipologia

Uma das características interessantes do livro de Jonas, se não a mais notável, é o relato de como Jonas foi engolido por um grande peixe (presumivelmente, uma baleia), mas foi capaz de sobreviver à prova, apesar de ter permanecido no ventre do peixe por três dias! Há possibilidades científicas de uma coisa assim, realmente, suceder?

1. *Historicidade da Narrativa.* Ver sob a quarta seção, *Historicidade*, em seu terceiro ponto, *O Relato sobre o Grande Peixe.* Ali damos uma boa descrição sobre como os liberais e os conservadores têm argumentado sobre esse item. O material que se segue mostra que, de fato, tal coisa pode acontecer.

Será possível ser engolido por uma baleia e continuar vivo para contar a história? A ciência responde "Não", mas a resposta correta é "Sim". Os registros oficiais do Almirantado Britânico fornecem evidências documentadas sobre a espantosa aventura de James Bartley, um marinheiro britânico que foi engolido por uma baleia e escapou com vida para contar a história! O Sr. Bartley estava fazendo sua primeira viagem (que terminou também sendo a única) como marinheiro de um navio baleeiro, cujo nome era *Estrela do Oriente,* em fevereiro do ano de 1891. Estavam algumas centenas de quilômetros a leste das ilhas Falkland, no Atlântico Sul.

Em certo momento foi arpoada uma grande baleia, que então mergulhou às profundezas abissais. Quando ela subiu para respirar, ocorreu que seu corpanzil esmigalhou o bote, e muitos homens caíram no mar. Dois homens não puderam ser encontrados, e um deles era o Sr. Bartley. Depois de muito serem procurados, foram dados finalmente por perdidos.

Pouco antes do pôr-do-sol, naquele mesmo dia, a baleia moribunda flutuou até à superfície. A tripulação rapidamente prendeu uma corda na baleia e a arrastou até o navio-mãe. Posto que era tempo de verão, foi necessário despedaçar imediatamente o gigantesco animal. A baleia foi sendo cortada em pedaços. Pouco depois das onze horas da noite, os exaustos tripulantes removeram o estômago e o enorme fígado da baleia. Esses pedaços foram levados para a coberta e notou-se que havia algum movimento no interior do estômago da baleia.

Fizeram uma grande incisão no estômago da baleia, e apareceu um pé humano. Era James Bartley, dobrado em dois, inconsciente, mas ainda vivo. Bartley soltava grunhidos incoerentes ao recuperar um pouco mais a consciência, e durante cerca de duas semanas pendeu entre a vida e a morte. Passou-se um mês inteiro antes que pudesse contar perfeitamente a história do que lhe acontecera. Lembrava-se de que, quando a baleia atingiu o bote, ele foi atirado no ar. Ao cair, foi engolfado pela gigantesca boca da baleia. Passou por fileiras de minúsculos e afiados dentes, e sentiu uma dor lancinante. Percebeu que estava escorregando por um tubo liso, e então desapareceu na escuridão. De nada mais se lembrava, senão depois de ter recuperado a consciência, uma vez libertado do estômago da baleia.

Muitos médicos de vários países vieram examiná-lo. Viveu mais *dezoito anos* depois dessa experiência. Sua pele ficara com uma desnatural coloração esbranquiçada, mas ele não sofreu outros maus efeitos além desse. Na lápide de seu túmulo foi escrito um breve relato de sua experiência, com o acréscimo: "James Bartley, 1879 a 1909, um moderno Jonas" (extraído do livro *Stranger Than Science,* por Frank Edwards, págs. 11-13).

2. *Tipologia.* A experiência de Jonas é um tipo de como Jesus, o Cristo, haveria de ficar retido em um sepulcro, para ressuscitar dentre os mortos, três dias mais tarde. Esse símbolo era um "sinal" para os mestres judeus incrédulos, os quais estavam submetendo Jesus a teste, quanto às suas reivindicações messiânicas. Jesus repreendeu aqueles que queriam receber o sinal, como necessário, porque isso comprovava que aqueles homens perversos estavam espiritualmente cegos. Em tal estado de trevas, precisavam de sinais e não eram capazes de reconhecer as realidades espirituais. Jesus recusou-se a realizar algum grande milagre, a fim de autenticar Suas reivindicações. Ele já havia feito isso, com abundância. E eles já tinham rejeitado todos os sinais que Ele fizera. Portanto, o Senhor lhes ofereceu um sinal bíblico. Por assim dizer, Jonas *morreu* e então retornou à *vida.* Por semelhante modo, Jesus morreria, de fato, mas ressuscitaria. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Ressurreição* e *Ressurreição de Cristo.* O Senhor ressurrecto tornou-se o doador da vida eterna àqueles que nEle confiam, que passam a ser moldados segundo a Sua imagem. Parte da condenação de Jesus aos mestres incrédulos consistiu no fato de que os ninivitas, habitantes de uma cidade pagã, se tinham arrependido em face da pregação de Jonas. E, no entanto, Aquele que era muito maior do que Jonas pregara e mostrara sinais aos teimosos mestres judeus, mas estes se recusaram a arrepender-se. Isso significava que Deus haveria de tratar com eles com grande severidade. A ressurreição de Jesus Cristo, como é claro, foi o *sinal* final e definitivo das reivindicações de Jesus, como Messias prometido e Salvador.

VII. Ocasião e Propósitos do Livro

O livro de Jonas é uma ilustração veterotestamentária da verdade contida em João 3.16. "Deus amou o mundo de tal maneira", que tomou as providências para que houvesse uma missão de misericórdia, com a finalidade de prover remédio para o pecado e para a degradação moral e espiritual. Se Deus teve tanto interesse pela sorte de Nínive, então todos os povos devem ser vistos como objetos de Seu amor.

Se os estudiosos liberais estão com a razão, então um dos propósitos do livro de Jonas era atacar os preconceitos judaicos, mostrando que Deus está interessado nos pagãos, e não meramente no povo de Israel. Nesse caso, teríamos um propósito polêmico no livro. Também poderíamos encarar esse propósito como didático. O autor não estaria sendo beligerante. Estava meramente procurando ensinar Israel acerca do interesse de Deus pelos demais povos da terra. O perdão divino é muito amplo; Seu amor vai desde os mais altos céus até os mais profundos infernos.

Outro propósito possível era mostrar que a própria nação de Israel deveria interessar-se pelas missões às nações. Nesse caso, o livro é uma espécie de antigo evangelho, cujo intento é impelir à atividade missionária.

O Julgamento é Remedial. Deus não tem prazer na destruição e na dor. Contudo, destruição e dor podem ser aplicadas quando se fazem necessárias. O juízo divino tem por escopo produzir nos homens o arrependimento. O trecho de I Ped. 4.6 mostra que esse princípio continua atuante no pós-túmulo, e não apenas durante a vida biológica do indivíduo.

VIII. Pontos de Vista Teológicos

1. *Deus é o governante universal,* razão pela qual tem o direito de convocar qualquer nação ao arrependimento.
2. Na qualidade de governante universal, Deus também é *o juiz universal.* Se os homens não derem ouvidos à sua chamada ao arrependimento, então Deus os julgará (Jon. 3.4).
3. Deus, contudo, é o *Salvador universal.* Jonas foi enviado para salvação de Nínive, e não para obter a destruição da cidade. O próprio profeta sentiu-se contrariado quando Nínive se arrependeu e foi poupada. Ele gostaria de ter visto o cumprimento de sua profecia de condenação. Deus, porém, não concordou com essa atitude. Ver Jon. 4.10,11.
4. O *Abundante Amor de Deus.* O amor de Deus é permanente e abundante (Jon. 4.2). Chega mesmo a envolver os animais irracionais (ver o vs. 11). Assim chegou aos pagãos. Não era coisa pequena, se Nínive viesse a perecer. Vemos aí, novamente, a mensagem de João 3.16, que contraria uma aplicação exclusivista do amor de Deus a qualquer grupo. Isso se volta contra todo o tipo de exclusivismo, incluindo o *calvinismo* radical (ver a respeito no *Dicionário*).
5. *Os Preconceitos Exclusivistas São um Erro.* É moralmente errado alguém ser um bitolado religioso, que nada pode ver de bom além de seu próprio grupo ou denominação. É bom o homem ter uma visão mais universal, reconhecendo que Deus é verdadeiramente o Pai de todos os povos, embora haja uma paternidade divina e especial no caso dos remidos (que podem ser de qualquer raça, nação, seita ou denominação, não nos esqueçamos disso).
6. *A Motivação Missionária.* Devemos preocupar-nos com a propagação da mensagem espiritual e com a salvação das almas.
7. *O propósito remedial do julgamento divino* já foi abordado, na sétima seção, último parágrafo.

IX. Esboço do Conteúdo

1. Chamada ao Profeta Desobediente (cap. 1)
   - a. A fuga de Jonas (1.1-3)
   - b. A confissão de Jonas (1.8-12)
   - c. Jonas engolido pelo grande peixe (1.13-17)
2. Jonas Livrado pela Misericórdia Divina (cap. 2)
3. Nova Comissão Divina e Obediência de Jonas (cap. 3)
   - a. Jonas em Nínive (3.1-4)
   - b. Os ninivitas se arrependem (3.5-9)
   - c. A cidade de Nínive é poupada (3.10)
4. A Consternação de Jonas e os Cuidados de Deus (cap. 4)
   - a. A indignação de Jonas (4.1-4)
   - b. A história da trepadeira (4.5-10)
   - c. O amor de Deus por todos os homens (4.11)

X. Bibliografia

AM I IB LAE PR PU YO Z

Ao Leitor

Um estudante sério, antes de lançar-se ao estudo do livro de Jonas, tirará vantagem da *Introdução,* onde discuto assuntos importantes para a compreensão do livro: caracterização geral; título; o profeta Jonas e a autoria do livro; historicidade; data; a história do

grande peixe; sua historicidade e tipologia; ocasião e propósitos; pontos de vista teológicos.

Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento. Deus está interessado na salvação dos pagãos, pois tem misericórdia e se interessa até pelos animais! (Jon. 4.11). De fato, o livro de Jonas termina com uma declaração sobre esse interesse divino. Esse breve toque concernente os animais ultrapassa a visão do próprio apóstolo Paulo, refletida em I Cor. 9.9.

O Anti-semitismo e Outros Antinacionalismos. Sim, ao longo de toda a história, acompanhamos a trilha do ódio contra os judeus. Mas também encontramos muita evidência de ódio dos judeus pelos não-judeus. O profeta Jonas não queria perder seu tempo na Assíria (cuja capital era Nínive). Que os ninivitas perecessem! era o seu lema. O livro de Jonas, entretanto, olha para além dessa marca e, de fato, foi escrito para corrigir esse tipo de atitude. Assim sendo, esse livro antecipa a missão gentílica da igreja cristã.

O *amor de Deus* é a base do ideal para levar aos pagãos a mensagem divina de arrependimento e salvação eterna. Essa é a maior força motivadora nesta ou em qualquer outra época.

Comprando Tempo. Se o livro de Jonas foi escrito em cerca de 740 A. C., então isso ocorreu cerca de 130 anos antes da queda da Assíria diante dos babilônios. Podemos dizer, legitimamente, portanto, que, ao obedecer à voz de Jonas para arrepender-se, a Assíria tenha comprado cerca de 130 anos de vida nacional extra. Naturalmente, não há nenhum registro assírio sobre um judeu que pregou para eles e os beneficiou; mas esse tipo de informação provavelmente seria suprimido dos registros nacionais assírios. Há um *paralelo* a isso no momento presente. As profecias sobre o tempo do fim parecem tardias. Tem sido predito que a década de 1990 seria um tempo crítico, e que explodiriam grandes acontecimentos pelo fim do presente século XX. Talvez, de alguma maneira, o mundo tenha comprado um pouco de tempo, e o cumprimento das profecias tenha sido adiado. No momento presente (escrevo em novembro de 1997) nenhum grande acontecimento parece provável pelo ano 2000. Em todas as nossas sábias profecias, não fomos capazes de antecipar o colapso do comunismo, o que deixou os Estados Unidos da América como a única superpotência mundial neste fim do século. Isso significa que nenhum grande conflito mundial é provável no futuro previsível.

Este livro relativamente pequeno, com 4 capítulos e 48 versículos, pertence aos chamados *Profetas Menores* (os últimos 12 livros do Antigo Testamento). O termo *menores,* da expressão *Profetas Menores,* refere-se meramente à quantidade de material escrito que esses profetas produziram, e não tem nada que ver com a sua importância pessoal. Isso posto, a pequena quantidade de material é comparada ao grande acúmulo de material produzido pelos *Profetas Maiores:* Isaías, Jeremias e Ezequiel.

Ver o *gráfico* no começo do livro de *Oséias,* onde apresento informações sobre os profetas do Antigo Testamento. Os antigos eruditos judeus chamavam os Profetas Menores de "Livro dos Doze", pois eram agrupados todos juntos num rolo, como se formassem um único livro.

Um Livro Profético Diferente. O livro de Jonas não contém nenhum oráculo, uma das principais características dos demais livros proféticos. Também não contém seções poéticas. Antes, consiste em um relato prosaico da missão relutante de um profeta judeu a uma nação *pagã.* Enfatiza o ideal: a missão de Israel como mestra de todas as nações. Ver Gên. 12.1-3; Isa. 42.6,7 e 49.6. Ver especialmente Isa. 11.9: "A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar".

Capítulo Um

O Profeta que Fugiu de Deus (1.1-17)

Jonas foi um profeta regularmente comissionado por Deus. Yahweh estava por trás de sua missão; foi Ele quem deu a Jonas sua mensagem. Mas, de diferentemente de outros profetas de Israel e Judá, Jonas foi chamado para fazer algo que não estava em seu coração. Assim sendo, ele fugiu para escapar da desagradável tarefa de pregar à pagã cidade de Nínive.

1.1

Veio a palavra do Senhor a Jonas. Temos aqui uma nota regular que introduz os escritos proféticos. Yahweh estava interessado em alterar as coisas; Ele entregou uma mensagem a um profeta escolhido e autorizado; Sua palavra foi dada por revelação. Cf. Osé. 1.1; Joel 1.1; Miq. 1.1; Sof. 1.1; Ageu 1.1 e Zac. 1.1. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Revelação* e *Inspiração*.

Note o leitor que está em vista a *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). A vontade divina operava em favor dos pagãos. Yahweh estava intervindo em Sua criação. Deus criou, mas continua presente na criação, estando sempre pronto para intervir, recompensar ou punir. A isso chamamos de *Teísmo*. Em contraste, o *Deísmo* ensina que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação aos cuidados das leis naturais. Há artigos sobre ambos os termos, no *Dicionário*.

A Jonas. Quanto ao pouco que se sabe ou se conjectura sobre esse homem, ver a *Introdução*, seção III. Discuto sobre o nome *Jonas* na seção I. Jonas significa *pomba*, e há algo de apropriado nesse relato parabólico, visto que a pomba era um dos símbolos de Israel.

Filho de Amitai. "Essas palavras identificam Jonas com o profeta referido em II Reis 14.25. Mas não se encontra nenhuma outra marca identificadora" (James D. Smart, *in loc.*). Esse autor assume a interpretação *parabólica* (em vez da interpretação histórica) do livro.

1.2

Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive. Sobre a cidade de "Nínive" dou um completo relato histórico, no *Dicionário*. Capital da Assíria, localizava-se nas margens orientais do rio Tigre, e é a moderna cidade de Mosul. Foi destruída em 612 A. C. pelos medos, os quais, entretanto, mantiveram sua glória e sua lenda. Os assírios foram os culpados de muita confusão havida tanto em Israel quanto em Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Assíria*. Dessa forma Jonas não somente foi enviado para um centro pagão dos principais, mas também a uma cidade que havia maltratado os israelitas. Ambos os fatos contribuíram para sua relutância e sua fuga inicial. Yahweh queria que a mensagem de condenação fosse levada àquela cidade, para que o medo se instalasse no coração dos assírios. Se eles se arrependessem, conforme era o objetivo da missão de Jonas, seriam poupados da iminente destruição.

Os assírios realmente se arrependeram e, por esse motivo, receberam 130 anos extras de vida nacional. Ver as observações sob "Ao Leitor", sob o subtítulo *Comprando Tempo*, onde comparo essa circunstância às profecias relativas aos nossos próprios dias. A *iniqüidade* pagã poderia ser apagada pelo arrependimento e pelo reconhecimento de que Yahweh é Deus, o que, segundo presumimos fazia parte da mensagem de Jonas. *Nínive*, como é óbvio, era um centro de idolatria pagã, sendo esse o pecado fundamental do qual todos os outros pecados se originavam. Nabu era o cabeça do panteão assírio. Yahweh é o supremo governante do mundo e deve julgar o pecado onde quer que ele seja encontrado. Mas o Senhor também tem poder para perdoar e restaurar.

A sua malícia subiu até mim. Deus está nos céus, muito elevado, mas sabe o que está acontecendo na terra, que é o escabelo de Seus pés. Deus criou o mundo, mas também intervém, recompensando ou punindo. Essa é a essência do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Contrastar isso com o *Deísmo* (ver também no *Dicionário*), que supõe que o criador (pessoal ou impessoal) abandonou a sua criação ao governo das leis naturais.

1.3

Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor para Társis. Jonas não queria ter nada com a pagã cidade de Nínive, pelo que fugiu, desobedecendo assim à voz de Yahweh. Jonas fugiu da *presença* do Senhor, porque Deus estava lá em cima, olhando para baixo e tornando-se conhecido dos profetas. Jonas foi para *Jope* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa é a moderna cidade de Jafa, o único porto marítimo da ininterrupta costa marítima da Palestina, ao sul do monte Carmelo. A intenção de Jonas era chegar a *Társis* (ver o artigo desse nome no *Dicionário*). Provavelmente esse lugar deve ser identificado com Tartessos, no sul da Espanha, no extremo ocidental do mar Mediterrâneo, a cerca de 4.000 km de distância. Parece que a moderna cidade espanhola de Aracena assinala o local da antiga cidade de Társis ou Tartessos. É provável que Társis fosse uma colônia fenícia (ver Isa. 23.1,6,10). Mantinha lucrativo comércio com Tiro (ver Eze. 27.12). Esse era o ponto ocidental mais distante onde os navios fenícios podiam conduzi-lo, pois Jonas queria ir o mais distante possível de Nínive, que ficava a nordeste da Palestina. Ele se envolveria em uma nova vida e esqueceria sua atividade como profeta do Senhor. A presença do Senhor e Seu programa missionário assustavam e desgostavam a Jonas. Sua fuga trazia-lhe alívio mental.

Era uma idéia comum entre os povos antigos de que os deuses mantinham jurisdição sobre áreas específicas do mundo. É possível que Jonas compartilhasse dessa crença. Em Társis, Jonas supostamente estaria fora do território de Yahweh, ou seja, livre de Suas exigências. A presença de Yahweh se tornara intolerável para ele. No entanto, Jonas precisava de uma mudança de atitude, e não de uma mudança de localização geográfica. Conforme disse Sêneca, ninguém muda o próprio coração mudando de "céu", embora a distância para onde ele queria ir fosse igual à distância entre o extremo norte do Brasil e o extremo sul.

Note também o leitor que Jonas tinha dinheiro suficiente para pagar por tão longa viagem. Usualmente na vida mais está envolvido na vida do que ter dinheiro bastante para aquilo que queremos. Existem questões mais vitais do que isso.

1.4

Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade. A cena seguinte da história é Jonas no navio. Ele comprou sua passagem em Jope e estava agora, feliz, a caminho da "liberdade" de Deus e da responsabilidade missionária. Estava prestes a fazer o que queria, em vez de cumprir os requisitos de sua missão. Portanto, era como um "cristão" típico de nossos dias. Deus é a principal personagem da narrativa, o poder por trás dos bastidores. Portanto, Deus usou um de seus servos, o *vento*, e em breve manifestou grande tempestade, que ameaçava naufragar a embarcação com suas ondas gigantescas. O navio estava a ponto de *partir-se*, conforme diziam os marinheiros, que conheciam as lides do mar.

"Nenhuma mudança de ambiente, nem montanhas, nem o mar, nem o deserto, nem mudança de altitude, latitude ou longitude, poderia ajudar Jonas a escapar... Deus estava por onde ele fosse; Deus estava na Palestina, em Jope, em Társis — e continuaria a seguir a Jon." (William Scarlett, *in loc.*).

"Ninguém pode escapar de Deus (ver Sal. 139.7-12)... De súbito, o navio teve de enfrentar uma tempestade tão feroz que parecia impossível não naufragar. Essa tempestade foi uma ação direta de Deus, a fim de bloquear a fuga rebelde de Jonas... Deus é o criador e o soberano de todo o mundo criado" (James D. Smart, *in loc.*).

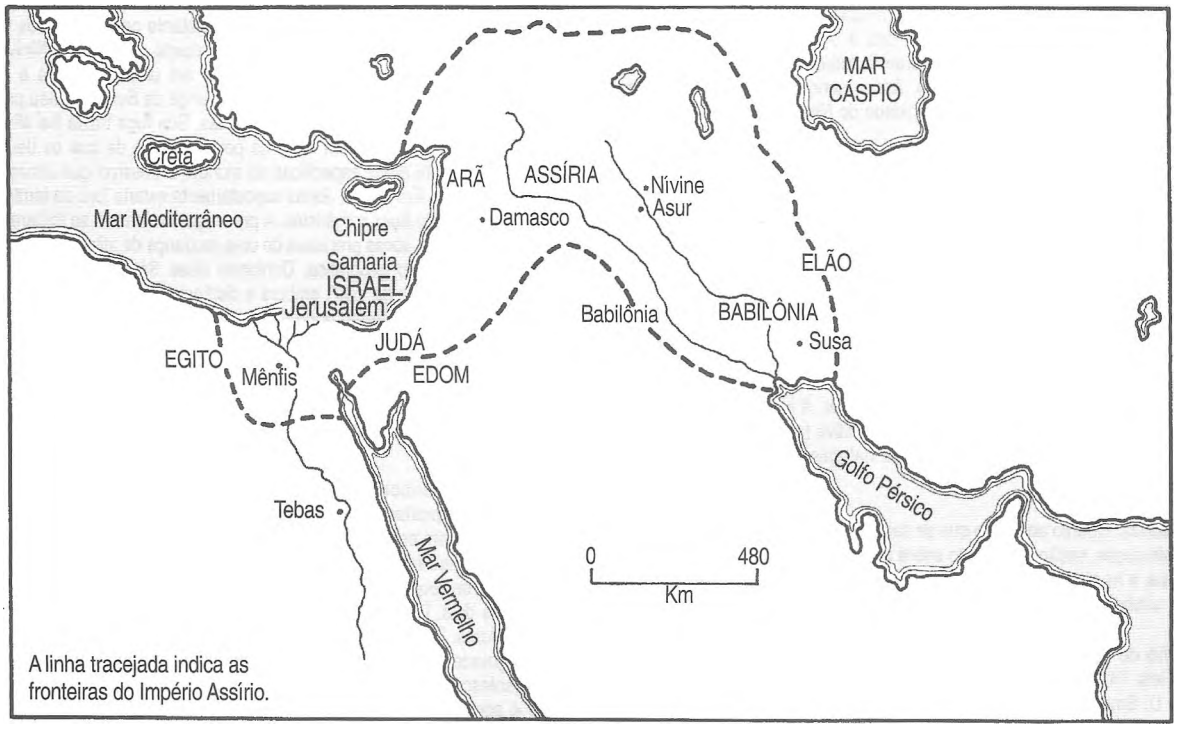
1.5

Então os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus. Os *marinheiros* tinham plena consciência da natureza crítica da situação e começaram a invocar, cada um, o seu deus. Foram forçados a despejar no mar toda a carga preciosa que transportavam de Jope a Társis, para aliviar o navio, e assim, se possível, escapar com vida. Jonas, em contraste, abandonou Yahweh e não estava fazendo nenhuma oração. De fato, ele estava tranqüilo e tinha descido ao porão do navio, a fim de dormir. Nem mesmo a tempestade mais feroz foi capaz de despertá-lo; mas em breve o grande peixe haveria de fazê-lo. A embarcação, aliviada de sua carga, flutuava agora mais alta sobre a superfície do mar, o que ajudava a evitar que afundasse. Porém, medidas heróicas não exerceriam efeito sobre a ameaça. Enquanto isso, Jonas, o nosso homem, estava deitado, indiferente à sua tarefa em Nínive; ele era o homem que estava tentando escapar de Deus; ele dormia, apático diante do perigo que estava enfrentando; contente com a vida que tinha arranjado para si mesmo. De fato, ele era o anti-herói, mas não demoraria muito e seria forçado a tornar-se um herói relutante. Jonas era o homem *despreocupado* e sem *lealdade* no tocante a qualquer labor significativo.

1.6

Chegou-se a ele o mestre do navio, e lhe disse. Jonas havia desaparecido da cena. O capitão do navio saiu à procura dele. No porão, o mestre do navio achou Jonas a dormir, o que o deixou espantado. O navio precisava de toda a "ajuda sob a forma de oração" que pudesse obter. E talvez o Deus de Jonas fosse precisamente Aquele que poderia salvar o dia. O capitão ordenou que o envergonhado Jonas saísse de seu beliche e fosse para o convés da embarcação. Ali, ao contemplar o temível temporal, automaticamente ele começaria as suas orações intercessórias diante de seu Deus. Conforme disse certo homem: "É preciso crer em tudo, pois é daí que vêm os milagres". O capitão estava disposto a crer em tudo e sentia-se feliz porque agora mais um "deus" estava sendo solicitado. "Que tremenda lição objetiva é essa, para o povo de Deus, naquele tempo como agora, despertar da apatia e orar por pessoas que perecem neste mar da vida" (John D.

IMPÉRIO ASSÍRIO - NÍNIVE, A CAPITAL



OBSERVAÇÕES

Os Impérios Assírio e Babilônico posterior ocuparam muito do mesmo espaço geográfico, exceto pelo fato de que os territórios assírios se estendiam mais a oeste e ao sul, englobando, inclusive, parte do Egito. Os Impérios Medo-Persa, Grego e Romano eram maiores, mas ainda não muito extensos quando comparados a padrões modernos. O império assírio tinha cerca de 1600 Kms de leste a oeste e cerca de 800 Kms de norte a sul.

A Assíria e a Babilônia tiveram ambas impressionantes histórias, compartilhando de um idioma comum, conhecido como assírio-babilônico ou acadiano.

Uma avançada civilização se desenvolveu na Babilônia em cerca de 3000 A.C., permanecendo o centro cultural da Mesopotâmia até o século VI A.C. O poder político e militar oscilava para lá e para cá, entre a Assíria e a Babilônia. No período de 900 a 600 A.C., a Assíria passou a atuar como opressora e invasora nas narrativas bíblicas. A Bíblia sempre distingue entre Assíria e Babilônia.

Hannah, *in loc.*). Note o leitor o termo que designa Deus aqui. *Elohim,* o *Poder.* Em suas superstições politeistas, o capitão do navio, como é lógico, não tinha consciência do Poder divino.

1.7

E diziam uns aos outros: Vinde, e lancemos sortes. Os marinheiros, que evidentemente eram "teístas", pensavam que deuses estavam por trás das calamidades, supondo, naturalmente, que havia alguma *causa* por trás do que estava acontecendo. Algum deus, em algum lugar, tinha sido ofendido. E lançaram sortes para descobrir qual deles seria o culpado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sortes.* Isso funciona em todos os tipos de circunstâncias e era comum no antigo Oriente Próximo e Médio. Cf. Lev. 16.8; Jos. 18.6; I Sam. 14.42; Nee. 10.34; Êxo. 3.7; Pro. 16.33 e Atos 1.26. Esta última referência mostra-nos que até os apóstolos de Jesus usaram o método para escolher o substituto de Judas Iscariotes. Talvez pedrinhas fossem marcadas com os nomes das pessoas envolvidas, misturadas em um receptáculo, e então uma era retirada ou sacudida para fora do receptáculo. A idéia era que a divindade que quisesse que seu adorador desobediente fosse punido, interviria e se certificaria de que a má sorte seria eliminada. Devia haver alguma *causa* divina. E também havia a crença de que bastava a presença de uma pessoa ímpia para trazer calamidades àqueles com quem ela se associasse. Portanto, seria vantajoso para aqueles marinheiros "livrar-se" da má influência.

1.8

Declara-nos, agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Antes do lançamento das sortes, os marinheiros se prepararam por meio da oração, para garantir que a pessoa culpada seria apanhada. A declaração final do vs. 7 diz-nos que a sorte caiu sobre Jonas, mas devemos compreender que isso aconteceu *depois* das orações preparatórias. Tendo identificado o culpado, os marinheiros o interrogaram: quiseram saber quem ele era; de onde vinha; por que estava na embarcação, e coisas semelhantes. Coisa alguma que Jonas dissesse mitigaria a situação. Seja como for, ele seria executado, a fim de que a tempestade cessasse. Talvez os marinheiros estivessem apenas curiosos. Nesse caso, o interrogatório era apenas uma medida anterior à execução. Os marinheiros descobririam a "razão" daquela grande calamidade, e isso lhes daria razão para proceder à matança. Isso *justificaria* o que estavam prestes a fazer. Os marinheiros queriam uma "confissão de culpa". Talvez até quisessem *certificar-se* de que a sorte lhes dissera a verdade.

1.9

Ele lhes respondeu: Sou hebreu, e temo ao Senhor. Jonas identificou-se com sua raça (um hebreu); seu Deus, Yahweh-Elohim; sua situação espiritual ideal: ele *temia o Senhor,* a frase típica do Antigo Testamento que indica a espiritualidade básica (ver sobre *Temor,* no *Dicionário* e em Sal. 119.38 e Pro. 1.7); e até deu-se ao trabalho de exaltar Yahweh-Elohim como o Criador de todas as coisas, repreendendo (por implicação) a idolatria e as superstições deles. Este versículo não diz isso, mas Jonas também revelou a eles que era fugitivo de Deus e merecia tratamento drástico. Mas o versículo seguinte acrescenta essa informação. Yahweh-Elohim, como *Criador* de todas as coisas, obviamente era Aquele que tinha perturbado o mar. Desse modo, foi-lhes dito que Yahweh-Elohim não é apenas uma divindade "local" (ver o segundo parágrafo das notas expositivas sobre o vs. 3), mas, antes, é um Poder que tem jurisdição universal. Isso complicava a situação, porquanto eles estavam tratando com um grande Poder que, por certo, faria o navio naufragar, se o culpado não fosse eliminado. Cf. Gên. 24.3,7; Esd. 1.2; Êxo. 20.11 e Sal. 95.5.

1.10

Então os homens ficaram possuídos de grande temor. Tendo descoberto que Deus estava por trás de Jonas, os marinheiros ficaram grandemente assustados e, consternados, quiseram saber *por que* o profeta havia tentado daquela maneira a paciência divina, o que terminou pondo em perigo tanto a vida dele mesmo como a de todos a bordo do navio. A conversa revelou a história inteira: Jonas tinha sido chamado para cumprir uma missão, contra a qual estupidamente se rebelara e assim provocou a ira celeste. Yahweh-Elohim *governa* tanto a terra quanto o mar (Sal. 65.5-7; 107.23-32; 139.7-12; Mar. 4.35-41; Atos 27). Não admira, pois, que os atos de Jonas tivessem sido tão provocantes aos olhos de Yahweh. Talvez aqueles marinheiros presumissem que Deus os considerava responsáveis e cúmplices, por terem vendido a passagem a Jonas para levá-lo a Társis. Temos aqui um toque estranho — aqueles marinheiros pagãos compreenderam, melhor do que Jonas, a *seriedade* da obediência a Deus. O desobediente Jonas, com a consciência calejada, foi capaz de dormir em meio à tempestade (vs. 5), enquanto os marinheiros pagãos é que tiveram de enfrentar a ira de Deus. Além disso, há a questão de *privilégios.* O profeta do Senhor também não estava desperto quanto a essa questão.

1.11

Que te faremos, para que o mar se nos acalme? Aqueles marinheiros não eram assassinos no coração; também não eram soldados que ganhavam a vida decepando cabeças e traspassando corações. Portanto, indagaram se o profeta tinha alguma sugestão quanto ao que deveria ser feito. Talvez o Deus de Jonas exigisse algo que fosse menor que a execução capital. Talvez o autor sagrado esteja salientando a *natureza misericordiosa* da conduta dos marinheiros, a fim de mostrar que aqueles marinheiros pagãos também mereciam a atenção de Yahweh. Os judeus não tinham o monopólio do Ser divino. Além disso, fora Jonas, o hebreu, quem causara toda aquela dificuldade. "Os marinheiros são espécimens do mundo pagão que homens, como Jonas, anelam por excluir da misericórdia de Deus" (James D. Smart, *in loc.*). "Naqueles pobres homens houve incomum grau de humanidade e sentimentos de ternura" (Adam Clarke, *in loc.*). Metaforicamente, como *aplicação,* vemos aqui a prefiguração da missão gentílica da igreja cristã. "Pois Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3.16). Ver Rom. 2.14,15 quanto às tentativas gentílicas de piedade, que são respeitadas por Deus.

1.12

Respondeu-lhes: Tomai-me, e lançai-me ao mar. Jonas, o *ofensor,* não viu esperança em Yahweh-Elohim sugerir alguma medida mais branda. Jonas, o profeta desobediente, merecia ser morto. Ele devia ser lançado ao mar. E o mar, uma vez que o engolisse, ficaria satisfeito, pois tinha sido nomeado por Yahweh para causar toda aquela dificuldade. Jonas estava certo de que era a causa da calamidade, e de que somente diante de sua morte as coisas se aquietariam. A fé hebraica de Jonas lhe havia ensinado que o ofensor tinha de pagar com a própria vida. De um lado, por causa da *justiça,* Jonas tinha de morrer. De outra parte, por motivo de *misericórdia,* os marinheiros inocentes tinham de viver. Jonas não demonstrara interesse pela misericórdia divina para com Nínive, e sentia não merecer essa misericórdia. A graça divina, destacada no Novo Testamento, resolveria esse caso de melhor maneira, mas Jonas, o profeta desobediente, não sabia disso. Nem há evidência de que ele tenha experimentado o *arrependimento,* na tentativa de evitar o desastre. Ele simplesmente se submeteu ao julgamento de Deus e queria terminar toda aquela situação o mais rápido possível. De qualquer maneira, uma crença antiga dizia que os sacrifícios oferecidos ao deus (deuses) do mar podiam fazer parar as tempestades. Algumas vezes, a vítima tinha a chance de lutar — era posta em um barco e ficava a vaguear no mar, sem velas e sem remos. Se os deuses sorrissem para ela, as ondas poderiam levá-la a alguma praia. A história budista de *Mittapindaka* ilustra essa idéia. O indivíduo culpado era deixado a vaguear em uma jangada! Talvez Jonas, tão decidido a não pregar em Nínive, preferisse morrer (cf. Jon. 4.3,8). Mas o misericordioso e sábio Deus tinha outro plano, que resolveria a questão. Esse plano requeria dupla dose de misericórdia e amor. Mas cristianizar este versículo e ver Jonas como um tipo de Cristo, que se ofereceu livremente para fazer expiação, certamente é um exagero.

1.13

Entretanto os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra. Apesar da solução simplista apresentada por Jonas, os bondosos marinheiros tentaram evitar a execução dele e remaram arduamente para levar a embarcação à terra, presumivelmente porque, à distância, podiam vê-la. A tempestade, porém, estava por demais feroz, e os esforços deles foram inúteis. A história não poderia mesmo terminar com esforços humanos heróicos. Antes, deveria ser encerrada com uma *intervenção divina* direta. Jonas teria de sobreviver para cumprir sua missão; o poder e a misericórdia de Deus garantiriam esse resultado. Afinal de contas, milhares de pessoas na Assíria seriam salvas, se a vida de Jonas fosse poupada. Ele precisava sobreviver. Sua missão requeria que ele sobrevivesse. Contraste o leitor a *compaixão* daqueles homens com a falta de compaixão de Jonas. Eles trabalharam arduamente para salvar a vida de um homem. Mas Jonas estava indisposto a mexer um dedo em favor de tantas vidas humanas. Os marinheiros não puderam forçar o avanço da embarcação para furar a muralha de ondas. Mas o Poder divino eventualmente derrotaria o muro de separação entre judeus e gentios (ver Efé. 2.14.).

1.14

Então clamaram ao Senhor e disseram: Ah! Senhor! Havia chegado o *momento drástico.* Jonas precisava ser jogado fora da embarcação. Os marinheiros pediram que sangue inocente não fosse lançado na conta deles como homicídio, pois Jonas não era inocente e quase havia causado a morte deles através de sua rebelião contra Deus. Portanto, clamaram que Yahweh considerasse a natureza do caso e permitisse a execução de Jonas, sem feri-los. Eles oraram ao Deus de Jonas como o Principal Ator do caso. Deus tomou a decisão de provocar a tempestade; aparentemente era Dele a decisão de que Jonas fosse sacrificado; e a decisão teria de ser Dele para trazer a calma às águas agitadas. Tendo reconhecido a soberania e a providência de Yahweh, eles lançaram Jonas nas águas turbulentas.

Ó SIÃO SE APRESSE

Ó Sião se apresse para sua missão alta cumprir,
Para dizer a todo mundo que Deus é luz,
Que aquele que fez todas as nações não querer
Que uma única alma se perde nas sombras.
Publique as boas-novas, notícias de paz,
Boas-novas de Jesus, redenção e liberdade.

(Mary A. Thomson)

***

TEMOS UMA HISTÓRIA PARA CONTAR ÀS NAÇÕES

Temos uma história para contar às nações
Que guiará seus corações para a retidão,
Uma história de verdade e de misericórdia,
Uma história de paz e de luz.

A escuridão cederá para uma madrugada,
E a madrugada cederá para a luz do meio-dia,
O reino de Cristo chegará à terra,
O Reino de amor e de luz.

(Colin Sterne)

1.15

E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar. Portanto, eles tomaram Jonas, resignado à sua sorte, e lançaram-no nas temidas águas; instantaneamente o mar parou em sua agitação e em suas ondas raivosas. O sacrifício foi aceito, e Yahweh tornou a intervir e falou de paz às águas turbulentas. A teoria foi comprovada pela experiência. A providência e a soberania divinas novamente cumpriram seus propósitos.

... a cujas ordens o mar irado espumeja.

(Shakespeare, *Ant. e Cleópatra*)

Cf. com as palavras de Jesus, que acalmaram as águas (ver Luc. 8.24). Deus poupa os penitentes que se entregam à oração, pelo que aqui poupou os inocentes, uma vez que o culpado foi separado deles. No mar estabeleceu-se a "calmaria", embora até tão recentemente estivesse empolado. O relato bíblico é adornado por Pirke Eliezer (cap. 10, fol. 10.2): Jonas foi arriado por meio de uma corda, e, assim que mergulhou na água, esta cessou em sua turbulência. Eles o puxaram de volta e deixaram-no mergulhar de novo, o que aconteceu por três vezes, até que, mergulhando mais fundo, sua cabeça desapareceu sob as águas. Dessa vez, as águas se aquietaram e não mais se mostraram agitadas.

1.16

Temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor. Aqueles marinheiros pagãos chegaram a reconhecer o poder e a jurisdição de Yahweh sobre todas as coisas e, em atitude de profundo respeito, ofereceram a Ele um sacrifício, talvez uma oferenda de cereais. Além disso, fizeram votos, cuja natureza não nos foi revelada. Eles não se converteram ao yahwismo, mas pelo menos incorporaram Yahweh em seu panteão. Eles tinham visto uma lição sobre o poder divino, a qual jamais esqueceriam. E novamente aqueles homens contrastaram com o profeta de Israel. Ali estavam eles, adorando Yahweh e fazendo toda a espécie de promessas, sem dúvida relacionadas, de alguma maneira, à pessoa e à dignidade de Deus; mas o desobediente Jonas estava nas águas. Ele havia abandonado Yahweh e, segundo todas as aparências, também fora abandonado por Ele. Podemos estar certos de que a oferenda foi feita em meio a louvores e ações de graça. Mas o infeliz Jonas estava cortado de toda a alegria.

1.17

Deparou o Senhor um grande peixe. Yahweh, porém, não tinha rompido definitivamente com Seu profeta. Ele nomeou um grande peixe (tradicionalmente uma baleia) para que cuidasse de Jonas. E o grande peixe engoliu o pobre Jonas, aumentando assim a duração da sua vida. No ventre do grande peixe, Jonas podia sobreviver por mais tempo do que dentro da água. Na seção VI da *Introdução,* relato a história de um Jonas moderno, que ajuda a ilustrar a historicidade do relato do livro de Jonas. "Cada acontecimento da história ocorreu por ordem direta de Deus (vss. 2,4,17; 2.3,10; 3.1,2; 4.6-8). Por trás dessa idéia jaz a crença na soberania divina sobre os eventos da vida, de forma que cada um deles está relacionado ao Seu propósito. A palavra e os atos de Deus são os principais fatores determinantes da vida" (James D. Smart, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo.*

Três dias e três noites. Isso subentende a intervenção divina, que protegeu a vida do fugitivo. Essa expressão é usada por diversas vezes no Novo Testamento acerca da permanência de Jesus no sepulcro (*sheol?*), por esse período de tempo. No caso de Jesus, foi parte de três dias e três noites: parte da sexta-feira, todo o sábado, e parte do domingo. Ver Mat. 12.40, onde é feita a comparação do caso de Jesus com o caso de Jonas. Foi durante esse prazo que Jesus teve Sua missão de misericórdia no hades (ver I Ped. 3.18-4.6). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Descida de Cristo ao Hades,* quanto a essa importante dimensão do ministério de Cristo. Ver também no *Dicionário* o artigo denominado *Três Dias e Noites.*

No ventre do peixe. A palavra "peixe" pode designar, aqui, qualquer dos grandes animais existentes no mar. Não há razão alguma em supormos que um peixe "especial" tenha sido criado para a ocasião. O cachalote tem o equipamento necessário para devorar um homem. Nas pinturas cristãs primitivas esse "peixe" é pintado como um dragão do mar, mas por certo isso é incorreto. A palavra hebraica correspondente, *dag* (grande peixe), não determina que tipo de animal está envolvido, como também não o fez a tradução grega da Septuaginta, *ketos.* Nos escritos de Homero (como a *Odisséia* xii.97), essa palavra grega é usada para indicar qualquer peixe grande, incluindo golfinhos e tubarões.

Capítulo Dois

O Livramento; Salmo de Agradecimento (2.1-10)

A partir deste ponto, a narrativa é vazada na primeira pessoa do singular. Jonas tinha razão para oferecer um salmo de agradecimento e louvor por seu maravilhoso livramento, que fora uma intervenção divina direta em seu favor. Yahweh continuava orientando os eventos principais da narrativa: ver isso em Jon. 1.2,4,17; 2.3,10; 3.1,2; 4.6-8.

2.1

Então Jonas, do ventre do peixe, orou. Jonas agora estava perfeitamente desperto, tanto física quanto espiritualmente. Contrastar com Jon. 1.5. Em seu desespero, seu espírito foi renovado, e ele começou a buscar a Yahweh, sua única esperança. Ele tinha esperança em meio a uma situação desesperadora, mas não sabia por qual *modus operandi* seria salvo. Portanto, lançou sua alma nas mãos de Yahweh, rogando por sua vida, para que, "de alguma maneira", um evento miraculoso lhe desse continuação de vida. O que Jonas disse por certo reflete seu arrependimento e subentende que ele concordava em ir a Nínive, completar sua missão, *caso* fosse salvo daquela situação de extremo perigo. A *oração* de Jonas disse respeito ao livramento, que lhe foi dado (vs. 10); mas os vss. 2-9 constituem um salmo de agradecimento por causa da graça divina que lhe fora conferida. "Poeticamente, Jonas narrou a história de seu livramento" (John D. Hannah, *in loc.*). Cf. com o cântico de Ana, em I Sam. 2.1-10, que tem uma introdução similar. Note o leitor o uso do nome divino, *Elohim,* o Poder, o único que poderia libertá-lo.

Deus me ordenou ir, quando eu queria ficar.
Não sei dizer por qual razão
Ele me ordenou que ficasse, quando eu queria ir.
"Seja feita a Tua vontade", disse eu.
Não mais perguntarei por qual razão,
Embora eu não possa perceber
A estrada à frente, por Seu caminho sigo.
Pois, embora eu não o saiba, Ele o sabe.
Ele escolherá para mim o meu caminho.

2.2

Na minha angústia clamei ao Senhor. O vs. 1 deste capítulo pede o *livramento.* O vs. 10 tem a *resposta positiva* de Yahweh. Os vss. 2-9 são um hino de agradecimento pela graça obtida. No ventre do grande peixe, Jonas estava em *extrema aflição,* buscando alívio e livramento, embora seu caso fosse desesperador. Mas, no instante em que Yahweh *ouviu* seu grito de angústia, o caso de Jonas deixou de ser desesperador. Por assim dizer, Jonas clamou do fundo do *sheol,* embora não tivesse morrido nem descido até ali. Mas sua situação era tão desesperadora como se ele tivesse afundado abaixo da superfície da terra e entrado na câmara subterrânea das almas que partiram deste mundo. Cf. Sal. 120.1 com a primeira parte deste versículo, e ver também Sal. 18.6. O trecho de Isa. 5.14 oferece um paralelo quase perfeito. O Sal. 6.5 pinta o *sheol* a escancarar sua boca enorme para engolir os príncipes deste mundo com toda a sua pompa.

2.3

Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares. Este versículo narra poeticamente a informação prestada em Jon. 1.15. O que os marinheiros tinham feito é agora atribuído a Yahweh, que foi o Poder por trás do lançamento de Jonas nas águas do mar. A vontade do Senhor estava por trás do ato, pois Ele mesmo o havia requerido, em face da desobediência do profeta. O mar era profundo e melancólico, temível em seu aspecto e incansável em seu esforço ganancioso de devorar para sempre quem nele caísse. Os dilúvios de um oceano inteiro (o mar Mediterrâneo) submergiram o infeliz Jonas. Era um fraco homem contra um poderoso mar. As ondas do mar passaram por cima dele. Em breve ele ter-se-ia afogado. O fato de que o grande peixe o engoliu foi para ele um "alívio", porquanto o arrebatou daquelas ondas sem misericórdia, se pudermos imaginar um ato de misericórdia que tirasse Jonas da situação de desespero em que ele agora se encontrava. Usualmente, quando oramos, fazemos uma idéia de como Deus responderá. Mas aqueles que estão totalmente desesperados precisam lançar seus problemas a Deus, em oração, deixando com Ele os detalhes.

Lançastes-me no mar.
Afundei, afundei no profundo mar.
As águas me cercaram por todos os lados.
Tuas poderosas ondas fluíam por sobre mim.

(NCV)

Cf. este versículo com Sal. 42.7, que também tem uma linha sobre as ondas e os vagalhões. Parece estar na mente do autor sagrado o Salmo 42, onde temos o clamor de Israel no exílio. Jonas, na verdade, estava passando por seu "exílio" especial de Yahweh, que culminou nas águas do mar Mediterrâneo. Ver também Sal. 88.7.

2.4

Então disse: Lançado estou de diante dos teus olhos. Embora fora da vista, Jonas não estava fora da mente divina, pelo que, em sua imaginação, volveu os olhos para o Santo Templo de Jerusalém e ergueu sua desesperada petição. Ele estava confiando na graça e no amor de Yahweh, pois não tinha nada mais em que agarrar-se. Seu clamor foi: "Tal qual estou, sem fazer apelo... ". Como o desobediente profeta ansiou por estar, naquele momento, em Jerusalém, no templo de Deus, onde poderia renovar seus votos e mudar o curso de sua vida. Nínive era preferível ao ventre do grande peixe, sem importar quão desagradável ir a Nínive deva ter parecido para ele. "Banido por Deus por causa do pecado de desobediência, o profeta deu provas de seu arrependimento e de fé renovada" (John D. Hannah). Talvez o "templo" aqui referido seja a *residência celestial* de Deus (Sal. 11.4). Talvez o profeta estivesse olhando na direção do céu, esperando encontrar Yahweh ali, pois somente o Senhor era capaz de livrá-lo do ventre do grande peixe. Cf. este versículo com Sal. 31.22.

2.5

As águas me cercaram até à alma. Este versículo é uma repetição essencial do vs. 3, mas agora temos o detalhe peculiar das "algas", que se enrodilharam na cabeça de Jonas, quando ele afundava no mar. Elas se embaraçaram na sua cabeça, tornando fútil qualquer tentativa de voltar à superfície. O profeta tinha sido apanhado na armadilha desesperadora de seu sepulcro de água, e se não fosse Deus... Jonas fez uma *viagem aterrorizante* ao mergulhar nas águas do mar.

2.6

Até aos fundamentos dos montes. Continua aqui o terror da descrição. Ele desceu aos fundamentos dos montes. Sabemos que o mar oculta cadeias montanhosas. A referência, entretanto, provavelmente é à noção dos hebreus de que a terra flutuava sobre grandes águas subterrâneas, havendo colunas que se afundavam no imenso mar, abaixo do mar natural e visível. Além disso, a taça invertida do firmamento repousaria, segundo se concebia, sobre as montanhas, em seus pontos extremos. Quanto a uma ilustração dessa idéia, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astronomia,* onde ofereço um esquema da situação que os antigos imaginavam.

Cujos ferrolhos se correram sobre mim. Provavelmente estão em vista aqui as *trancas do hades.* O infeliz Jonas escorregou (figuradamente) até o fundo do *sheol,* a câmara subterrânea abaixo da superfície da terra, e foi apanhado naquele lugar, cujos portões se cerraram sobre ele. Mas talvez o profeta tenha dito somente que chegou aos portões do *hades,* mas sem entrar. Pois aquele que ali entrasse não mais poderia sair. Jesus, em Sua descida ao hades, naturalmente, por ser o próprio Criador, quebrou essa regra. Ele mostrou como se pode sair dali. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.* Por assim dizer, Jonas foi livrado da entrada do *sheol,* o que pode acontecer a todo homem, pela graça e amor de Deus, pois Seu nome é *Yahweh* (o Deus eterno), o qual é *Elohim* (o Poder), suficiente para toda e qualquer tarefa. "Pensei que estava trancado para sempre na prisão"(NCV). Jesus tem as chaves que abrem o *hades* e, graciosamente, as utiliza no caso de toda a alma arrependida. Cf. este versículo com Isa. 38.17.

2.7

Quando dentro em mim desfalecia a minha alma. Este versículo revisa idéias dos vss. 1, 2 e 4 deste capítulo. Estando já a "desmaiar", o profeta relembrou-se do Senhor, em Seu templo, e elevou sua oração para o santo monte de Deus, de onde poderia vir a ajuda. Quando sua vida já se estava esgotando, Jonas voltou-se para a Fonte da vida e pediu moratória. Sua alma foi "avassalada" (conforme diz o hebraico original). Cf. Sal. 142.3 e 143.4, onde a mesma palavra é usada. A separação física não separou Jonas de Yahweh, espiritualmente falando. Ademais, Yahweh sabia o que sucedia e estava disposto a ajudar a Jonas, à base do arrependimento. Assim sendo, Jonas fez uma oração como se fosse um enviado (a oração foi personificada), visto que não poderia subir pessoalmente, o que forma excelente figura simbólica que ilustra o triunfo do espírito: ver Sal. 42.6 e 73.26. Um tempo de tribulação fecha a esperança do lado de fora, mas a fé revive essa esperança. Nem mesmo a prisão do *sheol* foi capaz de reter Jonas.

2.8

Os que se entregam à idolatria vã... Os ídolos são deuses que nada representam e, verdadeiramente, para eles Jonas não se voltou quando seu caso era desesperador. Os homens que buscam tais coisas esqueceram toda a *lealdade* verdadeira ao Ser divino. Portanto, nada devem esperar "do alto". Jó também abandonou a lealdade a Yahweh por algum tempo, mas depois voltou, desejando renovar os seus votos. Jonas quase perdeu sua parte no pacto que Yahweh estabelecera com Israel, mas se retirou desse desastre.

2.9

Mas com a voz do agradecimento eu te oferecerei sacrifício. Retornando a Yahweh e sendo libertado por Ele de *todas* as suas tribulações — oh! Senhor, concede-nos tal graça! —, Jonas levantou a voz em uma oferta de ações de graças e trouxe os sacrifícios apropriados para uma oferenda de agradecimento. Em seguida, renovou seus *votos* a Yahweh. Ele tinha sido libertado de maneira espetacular e assim comprometeu-se a cumprir a missão que lhe fora entregue, começando pela pregação que ele tinha de fazer em *Nínive.* Seu sacrifício não visava obter o favor de Deus. A oração que ele fez como embaixador do Senhor (vs. 7) conseguiu realizar isso. Ele ofereceu sacrifícios de louvor e ações de graças, e fez votos, seguindo os rituais dos hebreus piedosos. "Somente Ele é o Salvador; somente Ele é o Libertador. Pois toda a salvação vem do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sacrifícios e Ofertas; Gratidão; Ação de Graças* e *Louvor.*

2.10

Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra. *O Livramento.* O vs. 1 deste capítulo pede o livramento, e este versículo conta que o livramento foi concedido a Jonas. Yahweh, que tinha preparado o grande peixe para devorar o profeta, agora instruiu o animal a vomitar o pobre homem, porquanto sua parte no drama tinha sido cumprida. Cf. Jer. 51.44, onde encontramos o quadro de Babilônia, o Monstro (Jer. 51.34), que vomitou as nações que tinha engolido. O livramento do exílio é ilustrado por meio dessa figura simbólica. Assim Jonas foi livrado de seu exílio da sanidade, quando então pôde renovar seus votos e prosseguir para cumprir sua missão. Alguns estudiosos supõem que Jonas tenha morrido, mas sua morte foi revertida ao ponto de ele ressuscitar. Metaforicamente, isso é então aplicado à ressurreição de Jesus, após Sua permanência no *sheol* (Sal. 16.10). Esses tipos parecem legítimos, um idéia reforçada em Mat. 12.40. Entretanto, não precisamos supor que Jonas tenha morrido e então ressuscitado para tornar esse tipo válido.

Esse é o maior dos temas cantado pelos séculos;
É o maior dos temas para uma língua mortal.
É o maior dos temas sobre os quais o mundo já cantou:
"Nosso Deus é capaz de livrar-nos".
Ele é capaz de livrar-te.
Ele é capaz de livrar-te.
Embora oprimido pelo pecado,
Vai a Ele em busca de descanso.
Ele pode libertar-te.

(W. A. Ogden)

Capítulo Três

O Missionário Relutante (3.1-10)

Jonas, embora homem experiente em milagres, não era um bom missionário ao estrangeiro. Agora ele recebia uma segunda comissão, mas pôs-se relutantemente a caminho. Ele pregaria bem, mas seu coração não estaria fundamentado naquilo que se esperava que ele realizasse. Afinal, os assírios não eram os perseguidores de seu povo? Além disso, os assírios eram imundos, mediante qualquer estimativa da legislação mosaica. Jonas não compreendia o espírito das missões estrangeiras. O autor sagrado, porém, estava aproximando-se da percepção própria do Novo Testamento: "Deus amou o mundo de tal maneira... ", pois o livro de Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento. Ver Gál. 3.28: "Dessarte, não pode haver judeu, nem grego, nem escravo, nem liberto, nem homem, nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus".

"Jon. 3.1-4.11. Jonas e Nínive. O segundo chamado de Jonas, embora obedecida com relutância e em meio a queixumes, resultou na conversão em massa da cidade pagã" (*Oxford Annotated Bible,* comentando a introdução à seção).

3.1

Veio a palavra do Senhor segunda vez a Jonas. Houve uma *primeira vez* (Jon. 1.1; ver as notas expositivas), em que Yahweh chamou Jonas para a missão em Nínive. Jonas, porém, falhou miseravelmente e fugiu. Yahweh, entretanto,

respondeu com um livramento miraculoso, *forçando* Jonas a tentar de novo. Verdadeiramente, Deus é o Deus da *segunda oportunidade*, pois, se isso não correspondesse à verdade, todos nós estaríamos perdidos; todos nós seríamos fracassados; todos nós já estaríamos desviados do reto caminho.

Talvez a história de Jonas faça alusão ao cativeiro de Judá na Babilônia. Também haveria uma segunda oportunidade aplicada a esse caso, e haveria um Novo Israel, dotado de nova missão. Isso significaria uma nova tentativa de levar a mensagem divina aos povos gentílicos, que foi sempre a missão de Israel. Isso seria eventualmente cumprido (ver Isa. 11.9). Israel tinha sido cegado por seu repúdio às outras nações.

3.2

Jonas deveria cumprir uma grande missão, acerca da qual ele deveria ter-se ufanado. Ele não foi enviado a um lugar obscuro da Ásia Menor, mas à grande cidade de Nínive, capital de uma das maiores potências mundiais da época. Por três vezes, essa cidade é chamada de "grande" (ver Jon. 1.2; 3.2; 4.11), e por uma vez é chamada de "mui importante" (ver Jon. 3.3). Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo a respeito.

"A cidade era circundada por uma muralha interior com 15 m de espessura e 30 m de altura, e tinha cerca de 13 km de circunferência. A muralha externa englobava campos e cidades menores, como Reobote, Ir, Calá e Resen; cf. Gên. 10.11,12. A viagem de Jonas percorreria cerca de 4.100 km" (John D. Hannah, *in loc.*). Esse artigo provê muito material ilustrativo para o leitor industrioso.

A missão envolvia pregação que visava provocar o arrependimento. Yahweh estava interessado nesse povo e tinha planos para eles. A pregação de Jonas funcionou bem, concedendo à cidade de Nínive 130 anos extras de vida nacional. Ver a seção chamada "Ao Leitor", antes do início da exposição, sob o subtítulo "Comprando Tempo", para comentários a respeito.

3.3

Levantou-se, pois, Jonas e foi a Nínive... de três dias para percorrê-la. Ou seja, a cidade era tão grande que eram necessários três dias para atravessá-la. Naturalmente, isso refere-se a toda a cidade-estado, e não meramente à cidade dentro de suas muralhas. Três dias de viagem seriam 120 km. Estrabão (*Geog.* liv.xvi) diz-nos que Nínive era muito mais extensa que a cidade de Babilônia, o que Diodoro (*Sic. Bibl.* I.ii) confirma. Talvez essa jornada de três dias fosse acompanhando a circunferência da cidade, e não de um lado para o outro; mas, seja como for, importa que pensemos em termos da cidade-estado, e não somente em termos da cidade central.

3.4

Começou Jonas a percorrer a cidade caminho dum dia. A narrativa deixa de contar a viagem até Nínive, porquanto isso não se reveste de interesse. Simplesmente somos informados que Jonas chegou ali e, percorrendo-a por um dia, já começou a pregar, exortando o povo a arrepender-se. Nínive era um dos grandes centros de idolatria do mundo antigo, e podemos estar certos de que a idolatria fazia parte do primeiro item da lista de pecados, sendo essa a transgressão-mãe de todos os outros pecados. A terrível predição é que o povo de Nínive tinha de pôr as coisas em ordem, moral e espiritualmente, pois algum inimigo não-identificado destruiria o lugar no prazo de apenas *40 dias*. Ou talvez o julgamento divino viesse sob a forma de desastre natural, como um terremoto.

Ainda quarenta dias. "Quarenta" é o número das provações, havendo várias menções ao número "40" na Bíblia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Quarenta*, dos quais citei 13 referências. A Vulgata e a Septuaginta falam em apenas *3 dias*, em lugar de 40. Mas esse parece um prazo muito curto para um acontecimento tão importante. Note o leitor o hebraico vívido e conciso: "Mais quarenta dias e Nínive destruída".

3.5

Os ninivitas creram em Deus; e proclamaram um jejum. O autor sagrado deixa de lado os detalhes, oferecendo-nos uma narrativa muito concisa. Não somos informados sobre o tempo que o profeta Jonas passou a pregar sua mensagem. Talvez bem em breve os *ninivitas*, de modo geral, tenham reconhecido o Poder divino por trás da mensagem de Jonas, visto que o nome divino, *Elohim*, é usado no original hebraico. Os líderes da cidade não assumiram a atitude que diz: "Esperemos para ver o que acontece", mas, antes, proclamaram um *jejum generalizado*, através do qual se espalhou a idéia/da necessidade de *arrependimento*. Do maior até o menor dos ninivitas, do mais forte até o mais fraco, todas as classes adotaram os sinais de arrependimento e começaram a lamentar pelos seus pecados. Cada um deles vestiu-se de *pano de saco* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também o artigo chamado *Lamentação*, que dá informações sobre a natureza do ato e seus sinais, na antiguidade.

Tem-se a impressão de que a mensagem de Jonas foi poderosa e eloqüente, para ter conseguido tão imediata resposta. Além disso, coisa alguma dessa natureza poderia ter acontecido sem o poder do Espírito Santo, para impressionar a mente dos homens. Ver o artigo chamado *Arrependimento*. A bênção de Jonas esteve sobre a pregação de Jonas, e é justo dizer que o próprio homem ficou surpreendido por ver o que estava acontecendo. Por outra parte, Jonas não era o Poder, mas tão-somente um instrumento do Poder. Entrementes, Jonas não se sentia muito feliz diante de todo o sucesso que estava obtendo, o que destaca sua falta de arrependimento de seu xenofobismo, em violento contraste com o imediato arrependimento daqueles pagãos. Não pode haver dúvida de que o autor está repreendendo toda a nação de Israel através de seu livro. Os israelitas, pois, em nada se incomodavam com os povos pagãos, que eram seres humanos como eles. Mas *Deus* se incomodava.

"*Proclamaram um jejum*, e nunca mais houve um arrependimento tão geral, tão profundo e tão eficaz" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.6

Chegou esta notícia ao rei de Nínive. *O Maior de Todos os Sinais.* Usualmente, os reis eram arrogantes e tinham um caráter endurecido. Mas esse monarca assírio aderiu ao jejum e provavelmente até ordenou o jejum e a lamentação nacional. E, a fim de dar ao povo bom exemplo, ele se desfez de seus emblemas reais, desceu do trono e se vestiu de cilício, em lugar de seus dispendiosos trajes reais, sentando-se sobre a cinza, juntamente com seus súditos. Este versículo naturalmente atua para provar a genuinidade do arrependimento dos assírios. Nenhum rei se sujeitaria a um *espetáculo* como fez o rei de Nínive. Quanto aos sinais incomuns das lamentações orientais, ver Gên. 37.34; II Sam. 3.31; Jó 2.8; Sal. 36.13; Eze. 26.16, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*.

3.7

E fez-se proclamar e divulgar em Nínive. O que até ali tinha sido um movimento espontâneo agora fora oficializado e requerido por um decreto real. Tornou-se *obrigação* de todos os cidadãos aliar-se ao arrependimento geral para evitar a catástrofe generalizada. Até os animais domésticos deveriam compartilhar do jejum, tanto de alimentos quanto de água, e não somente os homens. A referência aos animais aqui não nos deve deixar surpresos, à luz de Jon. 4.11: Yahweh se interessava até pelos animais, e talvez o ponto de vista do autor fosse que até os animais podem ultrapassar os limites da moralidade estabelecida para eles. Cf. esse conceito com Gên. 6.7,12. Heródoto (*Hist.* ix.24) diz que os animais foram levados a participar dos ritos de lamentações, e Juí. 4.10 mostra que isso era verdadeiro entre os judeus. Seja como for, é com freqüência verdadeiro que os homens e os animais compartilham dos destinos, em um grau ou outro, e também que o homem depende pesadamente dos animais, quanto à alimentação e a outros produtos vitais. Ademais, entre os homens e certas espécies de animais desenvolve-se um laço de amor. Tem sido tendência dos homens subestimar a inteligência animal. Talvez eles tenham alma, conforme afirmam alguns estudiosos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os seguintes artigos: *Animais, Alma dos* e *Animais, Direitos dos e Moralidade*. Platão pensava que *toda a vida é psíquica* (espiritual e não-material), ao passo que os corpos são apenas *veículos* de qualquer espécie que possamos mencionar.

3.8

Mas sejam cobertos de pano de saco. Evidências em favor da lamentação e do arrependimento tinham de ser demonstradas mediante o uso de trajes feitos de pano de saco e mediante o jejum, no caso tanto dos homens quanto dos animais. No segundo caso, presume-se que tecidos de pano de saco eram estendidos sobre as costas deles. Quanto à participação dos animais nessa humilhação e choro nacional, ver as notas expositivas no vs. 7. Um arrependimento verdadeiro estava sendo buscado, para que todos os seres vivos tirassem proveito.

E se converterão, cada um do seu mau caminho. Isso eles fariam abandonando a idolatria e seus múltiplos pecados, corrigindo sua conduta moral (inspirada no coração), aproximando-se do ideal da lei mosaica.

E da violência que há nas suas mãos. A violência era um dos mais conspícuos entre os crimes dos povos pagãos. Cf. Naum 2.11,12; 3.1; Isa. 13.13,14. Uma inscrição de Tiglate-Pileser II glorifica os crimes de sangue: "Tiglate-Pileser, o grande rei, o poderoso rei, o rei das nações, o poderoso guerreiro que, no serviço de Assur, seu senhor, com seus odiadores, pisou sobre seus adversários como se fossem o barro, varreu-os como uma inundação e reduziu-os a sombras" (G. Smith, *Assyrian Discoveries*, pág. 254). Naturalmente, o Antigo Testamento também glorifica a violência dos reis de Israel. Ver I Sam. 18.7. Assim como eram violentos os monarcas, também era violento o povo comum. E na vida comum popular havia violência sob a forma de diferentes expressões sociais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Violência*.

3.9

Quem sabe se voltará Deus e se arrependerá...? Talvez Yahweh se arrependesse de Seu desígnio de aniquilar a cidade de Nínive. Quanto ao *arrependimento divino,* ver Êxo. 32.14. O *decreto real* terminou com a humilde esperança de que o arrependimento sincero deles seria reconhecido, e de que a ira de Yahweh se desviaria dos ninivitas. Como é lógico, um dos propósitos deste versículo era apelar ao povo de Israel para que se mostrasse sensível para com Yahweh, Seus decretos e julgamentos, seguindo o bom exemplo dos assírios pagãos. Plotino mantinha que a atenção de Deus e Seus cuidados são obtidos através do *amor,* preceito que transcende ao mero temor do julgamento e acha-se presente em passagens como Deu. 6.5. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.* Foi o amor de Yahweh que estendeu à Assíria a oportunidade de sobreviver. Talvez os assírios correspondessem a essa chance com amor, e não apenas com temor. O temor e o amor nos assírios seria algo realmente admirável, pois eles eram um povo violento e temível (ver Naum 3.1,3,4; II Reis 18.33-35). O *exemplo* de arrependimento dos ninivitas foi mencionado pelo Senhor Jesus quando Ele condenou aqueles que, possuidores de muito maior luz e privilégios, não se arrependeram (ver Mat. 12.41).

O Senhor é a nossa Rocha, Nele nos refugiamos,
Um abrigo em tempos tempestuosos.
Seguro em qualquer mal que nos sobrevenha,
Um abrigo em tempos tempestuosos.

(Ira D. Sankey)

3.10

Viu Deus o que fizeram, como se converteram. O arrependimento divino (ver Êxo. 32.14) foi o bendito resultado da busca sincera e do arrependimento dos assírios. Seus feitos demonstraram que eles estavam sendo sérios em seu trato com Deus.

As misericórdias de Deus, que tema para meu cântico;
Oh! jamais poderei terminar de enumerá-las.
São mais que as estrelas na cúpula celeste,
Ou que as areias na praia batida pelo mar.

(T. O. Chisholm)

Cf. este versículo com II Sam. 24.16 e Amós 7.3,6. O Antigo Testamento não fica embaraçado quando fala sobre como Deus muda de idéia, isto é, quando Ele se arrepende. Sua lei moral é constante e impõe julgamento ou bênção em consonância com a obediência ou desobediência dos homens a Ele. Naturalmente, isso nos leva ao *Antropomorfismo* e ao *Antropopatismo* (ver a respeito no *Dicionário*), o que significa que conferimos a Deus nossos atributos e nossas emoções. A reação favorável de Nínive adiou sua destruição por 130 anos ou mais. A cidade foi finalmente destruída, em 612 A. C. Ver as notas expositivas sobre Gên. 6.6. Quanto a uma moderna aplicação dessa *circunstância de demora,* ver "Ao Leitor", sob o subtítulo *Comprando Tempo* (justamente antes do começo da exposição em Jon. 1.1).

"Deus muda de idéia conforme o homem muda sua conduta... Sempre possível é o escape *para* a misericórdia eterna" (William Scarlett, *in loc.*). "No mesmo lugar onde se pode encontrar a onipotência de Deus, se pode achar Sua humildade" (Rabino Johanan).

Capítulo Quatro

Quão Absurdo é Limitar a Misericórdia de Deus (4.1-11)

Agora o autor sagrado chega ao lugar onde ataca indiretamente (mas de maneira óbvia) o xenofobismo de Israel, tão condenável quanto o anti-semitismo. É um absurdo limitar o amor de Deus, aplicando-o exclusivamente ao povo de Israel, aos "eleitos" ou a qualquer outro grupo seleto. "Porquanto Deus amou o mundo de tal maneira... " (João 3.16). O calvinismo radical cai no mesmo tipo de abismo em que Jonas caiu, em sua pequena compreensão sobre o amor de Deus. Outro tanto se dá no tocante a todo *exclusivismo.*

4.1

Com isso desgostou-se Jonas extremamente, e ficou irado. Quase nem podemos acreditar quando lemos este versículo. Jonas pregou o arrependimento por ter sido forçado a tanto. Ele não tinha a atitude de um missionário no estrangeiro. Quando sua pregação foi bem-sucedida, ele ficou desgostoso com o que *Yahweh* tinha feito, pois por certo não fora o poder de *Jonas* que produziu o arrependimento dos ninivitas. O capítulo 4 inteiro deste livro é uma narrativa da infelicidade de Jonas sobre a questão. De fato, sua ira e desprazer foram um repúdio ao propósito de Deus tanto quanto havia sido sua fuga original para Társis. Deus teve compaixão dos pagãos, mas Jonas desejava que eles perecessem. Deus teve misericórdia dos pagãos, mas Jonas não demonstrou pena alguma. Deus se regozijou diante dos pecadores que se arrependeram. Jonas preferia vê-los perecer! Uma natureza destituída de sentimentos é *típica* de todas as formas de exclusivismo. Jonas continuava sendo o nacionalista de visão estreita e míope como sempre fora. Ele pouco sabia do grande amor de Deus e de Sua misericórdia eterna, e nem ao menos desejava aprender a respeito.

E ficou irado. O hebraico original fala em *queimar.* O homem superficial ficou "queimado" com ódio e ira, porque Deus realizara uma grande obra! O pobre Jonas provavelmente chegou a supor que tinha fracassado como profeta, visto que suas profecias de condenação não se cumpriram. E, assim sendo, esqueceu a própria razão da pregação: mudar as pessoas para melhor.

4.2

E orou ao Senhor, e disse: Ah! Senhor! "Jonas *queixou-se* ao Senhor e disse: 'Eu sabia que isso aconteceria! Eu sabia disso quando ainda me achava em meu país. Foi por isso que fugi rapidamente para Társis. Eu sabia que és um Deus que é bondoso e que mostras misericórdia. Não te iras facilmente. Tens um grande amor. Eu sabia que preferirias perdoá-los a puni-los" (NCV). Este é um versículo em tudo notável. Diz-nos que a razão mesma pela qual Jonas fugiu foi *evitar* obter sucesso em sua pregação em Nínive, e que ele esperava que eles não se arrependessem. Ele preferia que os ninivitas morressem em seus pecados! Se Jonas fingia ser um crente fiel, na realidade era um rebelde no coração, mantendo-se em *oposição* às realizações de Yahweh entre as nações (ver Isa. 11.9). Jonas, naturalmente, aparece aqui como representante da nação de Israel, uma nação plena de *xenofobismo* irracional e maligno. Os romanos acusavam os judeus de "ódio contra a raça humana". Jonas exemplificava esse sentimento. Contrastar essa atitude com a passagem de Êxo. 34.6,7, sobre a qual provavelmente repousa a declaração deste versículo. O profeta *sabia* a verdade sobre os atributos divinos da misericórdia e do amor, mas não queria ver uma *demonstração prática* desses atributos no tocante aos povos gentílicos. Note o leitor a conduta blasfema de Jonas. Ele fez dos excelentes atributos de Deus, que beneficiam os homens, qualidades negativas que não deveriam ser exercidas, exceto no "caso de Israel", naturalmente. Em outras palavras, Jonas virtualmente acusou Deus de fazer o mal, porquanto fizera o bem!

4.3

Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida. Visto que Jonas fora privado da satisfação de ver a morte dos pagãos, ele decidiu que era vantajoso se *ele mesmo* morresse. Yahweh, o Poder, que salvara os ninivitas, também tinha autoridade para pôr fim à vida de Jonas, e foi nesse sentido que o profeta orou. Este versículo, portanto, ilustra a maligna *perversidade* do homem. O autor sacro estava falando sobre a *exclusivista nação de Israel,* que não podia cuidar de ninguém, exceto de si mesma. Caros leitores, a mesma malignidade e perversidade é característica de todo o tipo de exclusivismo. O exclusivismo serve a alguma pequena e arrogante comunidade e esquece que "Deus amou o mundo de tal maneira... " (João 3.16).

A lição contra o denominacionalismo é clara, onde cada grupo pensa ser "o exclusivo povo de Deus", ou, pelo menos, "a melhor parte" da massa. As esperanças de Jonas sentiam-se desapontadas, e eram de que o povo de Nínive perecesse! "Platão contendia que a agência divina é sempre uma agência persuasiva, procurando *conquistar homens* através da persuasão dos ideais" (William Scarlett, *in loc.*). Contrastar isso com o caso de Moisés, em Núm. 11.15. "Jonas ficou tão desapontado, emocionalmente falando, que perdeu toda a razão para a existência. Deus estava preocupado com a cidade (ver Jon. 4.11), mas Jonas não" (John D. Hannah, *in loc.*).

4.4

E disse o Senhor: É razoável essa tua ira? A palavra de Yahweh veio novamente a Jonas para repreendê-lo por suas atitudes ímpias. A questão retórica espera uma resposta negativa: Jonas não agiu bem por irar-se e acumular tanto ódio contra outros povos. A ira de Jonas estava errada, e assim também são todos os exclusivismos. Jonas tinha paixão pela morte de outras pessoas. "A ira não é boa para nenhum homem. Um pregador, ministro, bispo ou profeta sempre irado é uma abominação. Aquele que, quando denuncia os pecadores, pela palavra de Deus, adiciona suas próprias paixões, é um homem cruel e mau" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.5

Então Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente. Ainda esperançoso de que a ira divina caísse sobre a cidade, Jonas saiu um pouco para fora da cidade, para o lado oriental, armando para si uma barraca e sentando-se à sombra. Ele esperava que Deus mudasse de idéia e liquidasse com aqueles pagãos devidamente arrependidos.

Note o leitor como o exclusivismo persistiu até o fim, contra toda a razão e dignidade. O profeta continuou insistindo sobre a justiça divina e a destruição, porquanto essa era a essência de sua prédica. Mas ele esqueceu os valores maiores da lei: a misericórdia e o amor. Provavelmente seu limite de *40 dias* (ver Jon. 3.4) estava prestes a expirar, mas ele não abandonaria a área enquanto esse limite não estivesse terminado. Sua profecia de condenação teria lugar? Jonas continuava esperando que assim acontecesse. James D. Smart (*in loc.*) supõe que certo número de dias ainda restassem para completar o total de 40 dias, sendo essa a razão pela qual Jonas construiu sua cabana protetora. Ele viveria nas proximidades somente para ver algo de ruim acontecer aos outros! Os sofrimentos de outras pessoas simplesmente lhe trariam *prazer*. Mas Deus já havia agido com amor, cancelando a profecia de condenação, porquanto os objetos potenciais da profecia já haviam experimentado transformação moral e espiritual. Naquele momento, os ninivitas certamente eram espiritualmente superiores ao homem ruim, Jonas.

4.6

Então fez o Senhor Deus nascer uma planta. *Yahweh-Elohim* (o Deus Eterno e Todo-poderoso) exerceu Seu controle sobre a natureza, fazendo crescer uma espetacular planta de "cuia" (conforme dizem algumas versões), a qual deu a Jonas sombra e abrigo. Tornou-se essa planta outro fato da misericórdia de Deus, o tema do cântico de Jonas. O pobre Jonas sentia-se mais confortável em sua miséria, enquanto a cuia bloqueava os raios de sol. Finalmente, Jonas encontrou alguma coisa que o deixou feliz, a saber, a planta da cuia. Teve, porém, uma *felicidade egoísta*. Durante todo o tempo, porém, o profeta Jonas esperava ver o fogo de Deus descer e consumir os habitantes impotentes de Nínive, ou talvez, um grande terremoto que poria fim àquela cidade. Note o leitor a nova intervenção divina. A cuia cresceu rapidamente, por ordem de Yahweh, tal como o grande peixe tinha sido preparado por decreto divino, para cumprir a sua tarefa (ver Jon. 1.17). Cada um dos eventos principais do drama ocorreu por intervenção divina. Ver 1.2,4,17; 2.3,10; 3.1,2; 4.6-8. Jonas amava a planta de cuia porque ela lhe prestava um favor, mas odiava as multidões de Nínive por causa de seu preconceito racial. Ele "estava alegre com uma grande alegria" (segundo diz, literalmente, o original hebraico), por causa da planta, mas estava infeliz porque Yahweh tinha beneficiado a uma outra população que não os israelitas. A história retrata Jonas como uma criatura desprezível, dizendo como "todo o exclusivismo é desprezível". No entanto, o profeta tinha uma missão que lhe havia sido dada por Deus, e que ele cumprira (com relutância). Em outras palavras, Jonas era somente um "instrumento".

4.7

Mas Deus, no dia seguinte... enviou um verme. *Outra Intervenção Divina.* Dessa vez apareceu um verme tremendamente destruidor, que gostava muito de alimentar-se da cabaça da cuia. Esse foi o fim da bênção de Jonas, e seu ódio em breve se acenderia de novo. A cuia teve vida muito breve e logo morreu. Jonas, que se comprazia com a morte, deveria sentir-se feliz com o que lhe estava acontecendo.

"Um verme, que possivelmente deve ser compreendido coletivamente, conforme se vê em Isa. 14.11: um enxame de lagartas" (Ellicott, *in loc.*).

4.8

Em nascendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental. Todo o mau trabalho do verme, ou enxame de lagartas, foi realizado durante a noite, ou então de madrugada, imediatamente antes de nascer o sol. E então, quando o sol já estava um tanto alto no firmamento, de súbito um forte vento oriental, o temido *siroco*, atingiu a área. Sem dúvida, o abrigo de Jonas foi varrido pelo vento, e agora ele não tinha nem a planta de cuia nem o abrigo, e estava à mercê do sol. O mal-humorado Jonas só faltava explodir em um ataque de raiva. O *vento oriental* (ver a respeito no *Dicionário*) tornava a vida dos homens miserável dentro de quatro paredes, quanto mais em lugares desprotegidos. Além disso, geralmente trazia pó e areia. As condições tornaram-se tão adversas que Jonas desmaiou. E, quando voltou à consciência, novamente pediu ao Senhor para morrer (ver o vs. 3). Portanto, temos aqui uma estranha distorção do drama. As massas populares de Nínive estavam vivendo sob a sombra do amor de Deus, desfrutando a vida e seus benefícios, ao passo que o profeta se sentia miserável, devido ao golpe direto aplicado pelo Ser divino. É a isso que o exclusivismo leva, conforme se espera que tenhamos imaginação suficiente para supor. "Os pagãos se regozijavam na salvação, ao passo que o profeta de Deus se sentia esmagado sob a mão divina. Essa cena, bem como aquela do vs. 3, é como um eco da hora de desespero de Elias, em I Reis 19.4. Jonas e Elias, porém, fazem violento contraste entre si: Elias queria morrer porque *tão poucos* tinham dado ouvidos à sua palavra de julgamento; Jonas queria morrer porque *tão grande* número de pessoas tinha-se arrependido ao ouvir sua palavra" (James D. Smart, *in loc.*).

4.9

É razoável essa tua ira por causa da planta? Eis outra pergunta retórica que espera uma resposta negativa e, portanto, significa: "Não agiste bem por causa da morte da planta. Está sendo ensinada uma importante lição que te recusas a aprender". Mas Jonas, em sua ira, respondeu duramente e afirmou que ele tinha feito bem por sentir-se infeliz sobre o fim da planta. De fato, ele estava tão indignado que desejava que sua paixão o matasse e assim toda aquela questão terminasse. Ficamos indagando como Yahweh encontrou e usou um homem como aquele como profeta. Talvez, em outras ocasiões, seu desempenho tenha sido melhor. A lição objetiva com a cuia, explicada no vs. 10, escapou completamente à atenção de Jonas, embora se supusesse que ele tinha discernimento profético. O exclusivismo tem uma maneira de cegar a mente daqueles que a ele aderem.

4.10

Tens compaixão da planta que te não custou trabalho... Yahweh conseguiu desmascarar o absurdo sem razão e a cegueira do profeta. Jonas estava extremamente irado porque uma planta que lhe fizera tanto bem tinha sido destruída, e ele perdera o benefício que a planta lhe proporcionara. No entanto, não ele tinha nenhuma preocupação com a vida de milhares de seres humanos (vs. 11). Outra lição era que a cuia lhe fora dada como presente divino. Não tinha sido Jonas quem a plantara ou cultivara. Ela crescera em uma única noite, e perecera em uma única noite, e Jonas nada tivera que ver com nenhum desses dois processos. A Soberania de Deus estivera em operação, e outro tanto acontecera na salvação de Nínive. Os judeus falavam sobre a divina soberania, mas Jonas pouco entendia sobre ela. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Providência de Deus* e *Soberania de Deus*. O poder de Deus tivera por intuito *fazer o bem*, da mesma maneira que a planta da cuia fizera bem a Jonas. E havia um bem maior a ser feito no caso das massas populares da grande cidade. Qualquer homem sensível se alegraria por ver a providência divina fluir para sua vida. Jonas, entretanto, não era homem sensível. Seu exclusivismo fora a causa pela qual a ira e o ódio lhe tinham invadido o coração. Hoje em dia os exclusivistas põem a soberania de Deus por trás da vida para si mesmos, mas a morte por trás dos não-eleitos. Mas este texto põe a soberania de Deus por trás do bem em prol dos não-eleitos. Verdadeiramente, deve haver *restauração* geral para satisfazer o amor de Deus. Ver sobre esse termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. As bênçãos de Deus são desmerecidas, da mesma maneira que Jonas não merecia o bem que ele derivara da planta da cuia, porquanto nada tinha feito para cultivá-la.

4.11

E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive...? *A Conclusão da Questão.* Que o amor de Deus flua para todos e em favor de todos. Terminemos com o exclusivismo e com qualquer visão míope sobre o que Deus pretende fazer. Seu amor se estendeu aos pagãos, em Nínive. Ele até esteve preocupado com os animais daquele lugar (ver as notas expositivas sobre Jon. 3.7). "Acaso é de bois que Deus se preocupa?", perguntou Paulo, esperando uma resposta negativa. Ver I Cor. 9.9.

Mas a resposta aqui é melhor: "Sim, o amor de Deus se estende aos animais, e muito mais ainda a todos os homens". É fornecida aqui uma estimativa da população de Nínive, cerca de 120.000 habitantes, o que é muito para uma cidade antiga, embora seja pouco, de acordo com os padrões modernos. Seja como for, essa gente representa as massas pelas quais Deus está interessado. Alguns calculam que a Nínive metropolitana (a cidade-estado) tinha uma população de 600.000 habitantes. Sem importar qual seja o número desses habitantes, a misericórdia e o amor de Deus cobriam a todos, o que significa que as misericórdias de Deus continuam a ser um dos temas de nossos hinos. A lição devia ser observada pela exclusivista nação de Israel.

Lições. "O Senhor marcou os seus pontos: 1. Ele é gracioso para com todas as nações, tanto os gentios quanto os israelitas. 2. Deus é soberano. 3. Ele castiga a rebeldia. 4. Ele quer que o Seu povo Lhe seja obediente, livrando-se da impostura religiosa, não pondo limites ao Seu amor e à Sua graça universal" (John D. Hannah, *in loc.*). A própria natureza do exclusivismo consiste em impor limites ao amor e à graça universal de Deus. Os pagãos têm pouco discernimento, sendo como criancinhas que não sabem distinguir a mão direita da esquerda. Essa deficiência, entretanto, não serve de empecilho para as operações do amor e, de fato, deve servir de inspiração para essa operação, porquanto a misericórdia faz parte do amor divino.

Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento. Esse era o mundo que Deus amava, quando fez Sua provisão em Cristo. Esse é o mundo que Deus ama hoje em dia.

O amor de Deus é real, universalmente — não apenas potencialmente.
O amor de Deus será absolutamente eficaz, afinal.

Limites de pedra não podem conter o amor.
E o que o amor pode fazer, isso o amor ousa fazer.

(William Shakespeare)

Se pudéssemos encher de tinta os oceanos, e cobrir os céus de pergaminho;
Se todos os pedúnculos fossem penas
E todos os homens escribas profissionais,
Escrever o amor de Deus acima,
Ressecaria os oceanos;
E não haveria rolo para conter tudo,
Embora estendido que fosse de céu a céu.

O amor de Deus, quão rico e puro,
Quão sem medida e forte!
Perdurará para sempre.

(F. M. Lehman)

O amor de Deus escreverá o último capítulo da história humana.

A BÍBLIA E A HISTÓRIA

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado Filosofia da História, que contém 12 pontos. Três deles se relacionam ao ponto de vista bíblico da história, a saber: 1. a cultura judaica (sua filosofia da história); 2. a filosofia da história de Agostinho; 3. o dispencionalismo, uma importante visão cristã da natureza da história.

PONTOS DE VISTA BÍBLICOS SOBRE A HISTÓRIA

1. A história começou com o ato criativo de Deus, pelo que é impossível isolar a história humana da vontade divina, conforme Marx erroneamente fez. Os capítulos 1 e 2 de Gênesis ilustram amplamente isso.
2. O poder de Deus, através do Logos, está sempre controlando e sustentando o processo histórico (ver Col. 1.16). A consumação da história estará ligada a um ato de intervenção divina (II Ped. 3).
   Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Soberania de Deus.*
3. A Intervenção Divina. A história dos profetas, bem como as vindas de Cristo (a primeira e a segunda), são intervenções divinas na história que guiam o seu curso e garantem a concretização dos desígnos de Deus. Assim, a história é um processo teleológico, guiado pela Mente divina (João 1.14,18) e pela mensagem do Evangelho. Efésios 1.9,10 mostra que a unidade de todas as coisas, em torno do Logos, é o alvo final do processo. Ver o artigo *Restauração*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver o artigo *Mistério da Vontade de Deus*, no *Dicionário* da presente obra.
4. *Teísmo.* O Criador não abandonou a Sua criação. Está presente para recompensar ou punir, segundo a lei moral; intervém na Sua criação, no caso de indivíduos e nações. Contraste-se com o Deísmo que ensina que a Força Criativa (pessoal ou impessoal) abandonou a criação aos cuidados da lei natural. Não existe intervenção divina nem interferência. Ver os termos *Teísmo* e *Deísmo*, no *Dicionário.* Ver também *Providência de Deus.*
5. *Fator controlador: a Soberania e a Providência de Deus.* Ver esses dois artigos no *Dicionário.* A história é destituída de significado conforme dizem os existencialistas; nem é controlada por alguma força cósmica impessoal, conforme dizia Hegel, nem é controlada pelo determinismo econômico, conforme Marx dizia, nem, finalmente, é algo misterioso, conforme afirmam os evolucionistas. Deus se mostra soberano na história.

   Essa é a indicação bíblica geral, e a profecia bíblica repousa sobre essa realidade. Paulo afirmou tal fato em Rom. 11.36; Efé. 4.6. As instituições humanas se alicerçam sob a direção divina (Gên. 1.28; 2.20). Os governos humanos dependem da autoria divina (Rom. 13.1-7). As nações aparecem e desaparecem segundo a vontade divina (Atos 17). A história da igreja também está sob o controle de Deus (I Crô. 10.32). Ver também Dan. 10.13,21; 12.1; Deu. 32.8; Isa. 40.15,28; Jer. 46.28

6. História: Linear ou circular? Usualmente a Bíblia apresenta uma história linear: começo; acontecimentos sucessivos, seguindo uma linha; alvo dos acontecimentos - um fim. Mas existem também indicações do conceito cíclico. As eras futuras (eternas) apresentam a possibilidade de repetições de ciclos. Orígenes achava que já se tinham passado muitos ciclos de queda moral seguidos por redenções na história passada remota e misteriosa. Ele acreditava que os ciclos sempre continuarão. Provavelmente, as histórias lineares constituem partes de ciclos. A história parece linear, mas cada linha é parte de um ciclo. A igreja oriental ortodoxa, de modo geral, aceita o conceito dos grandes ciclos. Niguém pode descobrir onde a história começou, nem marcar um fim. Esta parte da Igreja Cristã aceita a idéia da preexistência da alma, e faz da eternidade futura um campo missionário, onde o processo da redenção continua. Este ponto de vista nega que a morte biológica do indivíduo é o seu fim de oportunidade. Todos os fins são instrumentos de novos começos (ver ponto 7). A graça de Deus nunca desiste.
7. Significado e Destino. Muitos teólogos vêem um fim pessimista para a maioria da humanidade. Contrariamente, eu vejo evidências para a idéia de que o amor de Deus escreverá o último capítulo da história humana, se for legítimo usar a palavra último. Além disto, é certo dizer que o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. É isto que o *Mistério da Vontade de Deus* (ver no *Dicionário*) revela a um mundo cansado e doente. Afinal, todas as coisas devem ser recapituladas ao redor do Logos como Cabeça (Efé. 1.9,10). Todas as finalidades servem de instrumentos de novos começos. Este belo quadro de lógica concorda com alguns de nossos versículos bíblicos mais finos. Alguns teólogos deixam os homens na tempestade do julgamento, para sempre e sempre. Mas outros vêem o julgamento como meio de um novo começo. Ver o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, no *Dicionário.*
8 *Restauração e Redenção.* A realização mais exaltada da obra de Deus será a redenção do homem. Nesta redenção, o redimido participará na natureza divina. Ver esta augusta doutrina, no *Novo Testamento Interpretado* nas exposições de II Ped. 1.4; II Cor. 3.18; Col. 2.10; Efé. 3.19 e Rom. 8.29. Ver *Transformação segundo a Imagem de Cristo*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

   Os não redimidos serão restaurados. Isto será parte necessária do Mistério da Vontade de Deus. Se não for assim, o Grande Vencedor da luta cósmica será o Diabo, uma idéia intolerável. Portanto, deixe o poder de Deus operar sem os falsos limites que a mente humana impõe sobre ele. A soberania de Deus deve operar em termos de Seu amor. Sendo assim, é o amor de Deus que vai escrever o último capítulo da história humana. O amor de Deus deve ser *efetivo*, não meramente *potencial.* Dizer que foi o *mundo* que Deus amou, mas que Ele, depois de amar esse mundo, não aplicou os meios adequados para fazer seu amor efetivo, é uma teologia desastrosa.
9. *O Poder e os Milagres.* A história é um processo miraculoso porque a vontade de Deus acompanha e influencia este processo. Nós vivemos em um tempo em que podemos somente ler sobre as grandes intervenções divinas na história, e precisamos ter fé para aceitar a idéia de que aquele poder continua operando. A qualquer momento, como um relâmpago do céu, o poder divino pode mudar o curso da história, em um instante. De qualquer maneira, cremos na Bíblia e em sua mensagem de esperança. Outros viram acontecimentos notáveis. Nós cremos porque eles viram.

Temível é o caso,
Lágrimas há no mero relato:
Inevitavelmente chegou o tempo
Quando ninguém podia dizer:
"Eu vi!"
Jubiloso é o caso,
Alegria há no mero relato:
É chegado o tempo
Quando eu posso dizer:
"Eu sei, porque eles viram".

(Russell Norman Champlin)

***

Teu toque tem ainda o poder antigo.
Nenhuma palavra Tua cai por terra inútil;
Ouve nesta solene hora da noite,
É em tua compaixão, cura-nos a todos.

(Henry Twell)

O amor concede eu um momento
o que o trabalho não poderia obter
em uma era.

(Gothe)

O amor é a prova da espiritualidade

(ver João 4.7)

Ando pelo caminho da justiça,
no meio das veredas do juízo,
para dotar de bens os
que me amam, e lhes encher os
tesouros.

(Provérbios 8.20,21)